

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

GIULIA UNGARETTI FAURI

“Em busca da voz de Jaque Mendes: do planejamento à execução”

PORTO ALEGRE

2022

GIULIA UNGARETTI FAURI

“Em busca da voz de Jaque Mendes: do planejamento à execução”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora: Profa. Dra. Márcia Ivana de
Lima e Silva.**

Porto Alegre
Outubro 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patrícia Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmen Luci Costa e Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Fabiana Hennies Brigidi

[Espaço para Inserção da Ficha Catalográfica]

GIULIA UNGARETTI FAURI

“Em busca da voz de Jaque Mendes: do planejamento à execução”

Trabalho de Conclusão de Curso de apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 13 de outubro de 2022.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Carlos Alberto Ossanes Nunes
Doutorando do PPG Letras UFRGS

Tiago Radatz Kickhöfel
Mestre pelo PPG Letras UFRGS

Profa. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva. (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo à minha família, em específico aos meus pais e à minha irmã. Muito obrigada por sempre apoiarem as minhas escolhas e por me darem o suporte necessário para seguir minha trajetória acadêmica. Agradeço também aos meus amigos de curso, as amizades construídas em meio a tantos finais de semestre nunca serão esquecidas. Muito obrigada por tornarem essa experiência mais leve e divertida. Agradeço ao meu namorado que ouviu meus choros e relatos de ansiedade. Muito obrigada por me tranquilizar e me lembrar que sou capaz. Agradeço aos meus amigos do grupo de escrita e da PUCRS por lerem com tamanha atenção os meus textos tortos. Muito obrigada por serem meus primeiros leitores e revisores. Agradeço de todo o coração à minha orientadora, sem a qual eu não teria ousado explorar o labirinto da criação literária. Muito obrigada por sustentar aberta a porta da escrita criativa na UFRGS. Por fim, agradeço à UFRGS, por me acolher por cinco anos e ser o espaço não só de muito aprendizado e desenvolvimento, mas também de carinho e amor. Muito obrigada à universidade que torna possível o sonho de muitos brasileiros, inclusive eu.

Se alcancei a felicidade de escrever quatro ou cinco páginas toleráveis, após escrever quinze volumes intoleráveis, logrei esse feito não só através de muitos anos, mas também através do método de tentativa e erro. Acho que cometi não todos os erros possíveis - porque os erros são inúmeros -, mas muitos deles.

Jorge Luis Borges, “Esse ofício do verso”

RESUMO

A presente monografia se insere na área de Escrita Criativa com o enfoque em criação de personagem. Assim sendo, o trabalho é dividido em duas partes: uma teórica e outra criativa. A primeira parte tem como objetivo realizar uma revisão literária sobre o conceito de personagem, buscando entender a natureza desse ser fictício e como ele se apresenta na narrativa. Além disso, procurou-se refletir e avaliar sobre o processo de criação literária, em específico o desenvolvimento da personagem Jaque Mendes e seu interesse romântico, Caio. Para isso, usou-se principalmente o aparato teórico de Assis Brasil (2019), de forma a orientar a criação dos personagens. Ademais, valeu-se também dos teóricos Umberto Eco (2013), Antonio Candido (2014) e Orhan Pamuk (2011) para sustentar a reflexão acerca dos elementos da narrativa — dentre eles, o personagem. Por fim, na parte criativa, é apresentado os capítulos iniciais da novela homônima “Jaque Mendes”, os quais buscam revelar a personagem, sua questão essencial e o conflito da história.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Criação de Personagem. Novela.

ABSTRACT

This monograph in Creative Writing is focused on character creation and is divided into two parts: a theoretical and a creative. The theoretical sections aim to carry out a literary review on the concept of character, seeking to understand the nature of this fictional being and how it presents itself in the narrative. In addition, the goal was to reflect on and evaluate the process of literary creation, specifically the development of the character Jaque Mendes and her romantic interest, Caio. In this way, Assis Brasil's (2019) theory was mainly used in order to guide the creation of these characters. Furthermore, writers such as Umberto Eco (2013), Antonio Candido (2014), and Orhan Pamuk (2011) were also used to support the reflection on the elements of the narrative — among them, the character. Finally, in the creative part, it is presented the opening chapters of the homonymous novel “Jaque Mendes”, which seek to reveal the character, her essential question, and the conflict of the story.

Keywords: Creative writing. Character Creation. Novella.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Elementos básicos (Jaque Mendes)	23
Quadro 2 - Motivações e questões internas (Jaque Mendes)	24
Quadro 3 - Deixando a personagem única (Jaque Mendes)	27
Quadro 4 - Elementos básicos (Caio)	28
Quadro 5 - Motivações e questões internas (Caio)	29
Quadro 6 - Deixando o personagem único (Caio)	31
Quadro 7 - Gênero e sinopse	32
Quadro 8 - Conflito	33
Quadro 9 - Resumo do enredo	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 10 - Gráfico do enredo	36
Figura 11 - Ilustração da personagem central	56

SUMÁRIO

1	GELEIA GERAL	12
2	A QUESTÃO DO PERSONAGEM	14
3	O PLANEJAMENTO	22
3.1	PERSONAGEM	22
3.1.1	Personagem central – Jaque Mendes	23
3.1.2	Personagem coadjuvante – Caio	28
3.2	ENREDO	32
4	EM BUSCA DA VOZ DE JAQUE MENDES	37
4.1	VERSÃO I	39
4.2	VERSÃO II	47
5	JAQUE MENDES	56
	REFERÊNCIAS	66

1 GELEIA GERAL

Como todo grande projeto, se faz necessário planejar. E escrever uma novela não seria diferente. Cada escritor, é claro, planeja de sua própria maneira, com suas especificidades e gostos. Nesta monografia, abaixo as cortinas e apresento-lhes meu processo de criação, em específico da personagem central da novela homônima Jaque Mendes e seu interesse romântico, Caio. O planejamento me auxiliou a dar forma às imagens nebulosas que tomavam minha mente nos estágios iniciais da criação da narrativa. Logo, como a ideia para a história ainda era turva, decidi começar a delimitar os seres que iriam vivenciá-la, pois um personagem que não convence é motivo certo para o fracasso literário, mesmo que o enredo seja mirabolante. Como abordarei a seguir, personagem e enredo constituem um sistema único e integrado, e o personagem deve ser a escolha de elenco perfeita para viver aquele roteiro. É pelo personagem que vivenciamos o que é lido, é nele que reside a nossa empatia, e é na cabeça e na vida dele que buscamos viver por algumas páginas. Por esse motivo, este trabalho é composto de uma revisão literária acerca do personagem, seguida de uma seção de planejamento, de uma exposição das duas primeiras versões escritas da novela, e, por fim, da apresentação dos capítulos iniciais da novela “Jaque Mendes”.

Assim sendo, o processo de escrita desta monografia constitui um marco importante não só na minha graduação, mas também na minha identidade de escritora. Desde que nasci, venho vendo, ouvindo e registrando centelhas do mundo que, eventualmente, aparecem em palavras digitadas em fonte 12, Times New Roman. Muitas dessas palavras são abandonadas antes de “criarem vida” (minha vida é uma sucessão de projetos frustrados e ideias fragmentadas). Porém, ao me dedicar a este projeto, aprendi também a me dedicar a escrever, nem que fosse um parágrafo por dia, nem que fosse uma página por dia, nem que o que eu tivesse escrito ficasse, vamos ser francos, ruim. Foi um processo ansiogênico, mas, ao mesmo tempo, catártico que me ensinou a me libertar da comparação com os outros autores. Me ensinou a “encontrar minha voz”, por mais clichê e repetitivo que isso soe. Vale comentar que considero “encontrar sua própria voz” um processo constante, e não um lugar de chegada. Com o tempo, consegui me desvencilhar do meu maior crítico: eu mesma. E aceitar que só aprendemos a escrever, escrevendo, e escrevendo mal, para um dia escrever melhor e, quem sabe, um dia escrever bem.

Ao longo do processo, fui redescobrimo o prazer da escrita. Era bom escrever na voz de Jacqueline e invocar todas as inspirações que construíram ela — como a personagem Fleabag

de “Fleabag” (2019)¹, a Devi de “Never Have I Ever” (2022)², e a Carrie de “Sex and the City” (2004)³. Minha principal inspiração, porém, foi o romance *Normal People* (2019)⁴ de Sally Rooney, um *best-seller* que também virou série de TV e que deve fazer revirar os olhos de muitos acadêmicos. Sem adentrar nas questões de valor sobre o romance, algo naquela história despertou algo dentro de mim. Foi em um curso de inverno da USP sobre literatura irlandesa que primeiro me foi apresentado a obra de Rooney. A palestrante falava sobre como essa escritora conseguia transcrever para as páginas do livro a sensação geracional dos Millennials. Eu nasci em 1999, alguns *sites* me consideram Millennial, outros já me chamam de geração Z. Eu gosto de dizer que sou “Zillennial”, a geração entre gerações. Dessa forma, ao ler aquele livro, eu senti o que acredito que muitos escritores também sentem: “puxa, eu queria ter escrito isso”.

Então eu decidi escrever. Com o “isso”, eu queria dizer o retrato psicológico e dos sentimentos e angústias de uma geração que Rooney traz ao romance por meio dos personagens centrais Marianne e Connell. Um projeto um tanto quanto ambicioso que, como já mencionei, não pretendo completar nesta monografia, mas com certeza futuramente. A partir das constantes observações das pessoas ao meu entorno, normalmente da mesma faixa etária e situação social que eu, tentei apreender a sensação geral que nos ronda: ansiedade, individualismo, dependência emocional, materialismo. E, tirando o peso de “escrever bem”, encontrei a vontade de compartilhar essa minha história, por mais boba que seja. Porém, só fui capaz de chegar nessa conclusão pelos meses dedicados ao planejamento. Pois percebi que, por trás de uma grande obra, há muito trabalho e, o mais importante, erros.

¹ FLEABAG: série completa. Direção: Tim Kirkby; Harry Bradbeer. Produção: Lydia Hampson; Sarah Hammond; Phoebe Waller-Bridge; Harry Williams; Jack Williams; Harry Bradbeer; Joe Lewis. Amazon Prime Video, 2019. Disponível em: https://www.primevideo.com/detail/Fleabag/0OB9NDUVQKFRSYRSCHT2A784TI?language=pt_BR. Acesso em: 01 out. 2022.

² NEVER have I ever: série completa. Direção: Mindy Kaling; Andy Samberg; Lang Fisher; Adam Shapiro. Produção: Mindy Kaling; Lang Fisher; Howard Klein; David Miner; Tristram Shapeero. Netflix, 2022. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80179190>. Acesso em: 01 out. 2022.

³ SEX and the City: série completa. Direção: Darren Star. Produção: Darren Star Productions; HBO Original Productions; HBO Max, 2004. Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt/series/urn:hbo:series:GVU2cAAPSJoNJhsJATt6>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁴ ROONEY, Sally. **Normal People**. Londres: Faber & Faber, 2019.

2 A QUESTÃO DO PERSONAGEM

Difícil separar em partes o estudo da composição de minha novela. Não que eu queira me aventurar em escrever um TCC que aborde “todos” os aspectos dela. Porém, é difícil separar os elementos em caixinhas didáticas e metodológicas, quando, assim como Assis Brasil (2019) fala em seu livro “Escrever ficção: um manual de criação literária”, a novela é um sistema em que todas as partes estão conectadas entre si. Dito isso, me é imensamente intrigante o mundo das personagens. A maioria dos leitores não se pergunta sobre a natureza desses seres, enquanto teóricos e ficcionistas dedicam páginas ao seu estudo. Não quero dizer que os leitores confundam realidade com ficção (mesmo que alguns o façam), mas sim que os leitores por fruição não têm espaço no seu coração para essa dúvida: eles leem e aceitam os personagens do jeito que eles são. O leitor-escritor, por outro lado, costuma destinar uma parte de sua pesquisa para entender quem são esses seres e como criá-los de maneira satisfatória.

Eu mesma me lembro das primeiras cadeiras de teoria da literatura, quando foi levantada a questão do personagem. Eu pensei: por que estamos vendo isso? O personagem é personagem,oras. Não é pessoa, é personagem. Parecia uma resposta muito simples, uma questão nada importante de se entrar. É, no mínimo, irônico que meu trabalho de conclusão de curso se dedique à construção de minha personagem central: Jaque Mendes. A qual, na sua simplicidade e insignificância aparentes, me tirou meses de sono e foi meu foco de preocupação e atenção. Como construir um personagem? Por onde começar? Quais características ele precisa ter? Qual sua diferença das pessoas reais? E qual sua relação com o enredo? Todas essas questões me fizeram “morder a língua”. A questão do personagem é, sim, importante e complexa. Nesse sentido, ao que concebe o personagem, muito já se foi falado. E o intuito desta seção do trabalho de conclusão de curso é de realizar uma breve revisão teórica, seguida do planejamento prático da personagem Jaque Mendes.

O que é esse ser fictício que traz tantas pessoas ao choro ou ao êxtase sem nem mesmo existir? De acordo com Umberto Eco (2013, p. 64), muitos leitores confundem fato e ficção: “Eles levam a sério os personagens de ficção, como se estes fossem seres humanos reais.” Tenho minhas ressalvas quanto a essa afirmação, como já disse anteriormente, acredito, sim, que alguns leitores possam fazer essa confusão, mas creio que a ingenuidade da maioria dos leitores resida no fato de eles, sinceramente, não darem a mínima para o que é o personagem. De qualquer forma, é inegável que todos nós, leitores, confundindo ou não ficção e realidade, dando ou não atenção à questão, todos choramos e sofremos, rimos e nos exaltamos junto com os personagens. Retomando Eco (2013, p. 66): “[...] se sabemos que Anna Kariênina é um

personagem de ficção, que não existe no mundo real, por que choramos diante de seu drama ou, pelo menos, por que nos comovemos tão profundamente com seus infortúnios?”

A isto, ele mesmo se responde com a noção de pacto narrativo, que corresponde ao pacto que fazemos quando abrimos um livro e nos transportamos para aquele “mundo possível de suas histórias como se fosse nosso próprio mundo real.” (ECO, 2013, p. 67). Eu acredito ser esse pacto narrativo aliado a outro conceito abordado por Umberto Eco (2013, p. 72), a suspensão da descrença — o acordo entre leitor e autor: o mundo possível projetado pelo escritor, no qual nosso juízo de valor é equilibrado pelas relações de sentido e as relações lógicas desse novo mundo, fingimos acreditar que tudo que acontece ali é de veras, verdade — que, quando relacionados a um personagem bem construído, leva o leitor da fruição a nem sequer se questionar sobre a natureza dos elementos da história que lê. Como diz Orhan Pamuk (2011, p. 9):

Em tais ocasiões, achamos o mundo fictício que descobrimos e apreciamos mais real que o mundo real. O fato de essa segunda vida nos parecer mais real que a realidade muitas vezes indica que substituímos a realidade pelo romance, ou no mínimo o confundimos com a vida real. Mas nunca lamentamos essa ilusão, essa ingenuidade. Ao contrário, assim como em alguns sonhos, queremos que o romance que estamos lendo prossiga e esperamos que essa segunda vida continue evocando em nós uma sensação consistente de realidade e autenticidade. Apesar do que sabemos sobre a ficção, ficamos irritados e aborrecidos se um romance deixa de sustentar a ilusão de que é, na verdade, a vida real.

O conceito de mundo possível de Eco (2013) e a citação de Pamuk (2011) acima se referem à questão da verossimilhança, abordada por Aristóteles na “Poética” (2011). Para Aristóteles (2011), a literatura é a arte mimética que representa homens em ação. Porém, é importante desvincularmos o conceito de mimese da imitação pura: a mimese parte do mundo real, mas não se limita a ele. Cabe à arte mimética não representar tudo exatamente como aconteceu ou como é, e sim criar uma coerência interna dentro da obra, que nos convença do enredo e obedeça a “lei” da necessidade (a verossimilhança). A mimese aliada à verossimilhança projeta o possível. Portanto, as narrativas devem convencer o leitor a partir da coerência interna. A obra deve trazer não apenas os eventos possíveis, mas os necessários para as exigências da história. Esse conceito é primordial tanto para a crítica literária quanto para a criação literária, assim, o veremos permeando as reflexões teóricas aqui abordadas.

Antonio Candido, no capítulo “A personagem do romance” na obra “A personagem de ficção” (2014), discorre sobre a natureza do personagem literário. De acordo com o autor, o personagem se insere dentro de um paradoxo, ele é um ser fictício que passa a impressão de estar vivo dentro do romance: “De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe?” (CANDIDO, 2014, p. 55). A base do romance, então, está nesse paradoxo, que

depende da verossimilhança do personagem e do mundo narrado para garantir a adesão do leitor. O herói possui a capacidade de parecer real, e, assim, de suscitar nos leitores uma reflexão sobre valores, ideias, sensações e sentimentos de uma maneira intensa. Dessa forma, Candido sugere que há uma relação entre o ser vivo (nós, pessoas) e o ser de ficção (o personagem).

Tanto os seres humanos quanto os seres fictícios do romance moderno e contemporâneo possuem uma personalidade e um mundo interior múltiplo. A diferença está que o personagem é muito mais lógico que as pessoas. Apenas podemos tentar afirmar que conhecemos alguém por inteiro quando esse alguém não está mais vivo. Pois, assim, suas experiências e ações já foram traçadas e não podem mais nos surpreender. Em vida, conhecíamos as feições e os gestos, as falas e algumas reações de um ser vivo, bem como o que ele ou ela nos relatava sobre si. Porém, nossas certezas param por aí e dão espaço à adivinhação. Nossa interpretação dos outros é, portanto, sempre fragmentária e intuitiva. E isso se deve não apenas por não haver a possibilidade de lermos a mente de nossos contemporâneos, mas porque a multiplicidade interior de um ser vivo é um domínio infinito e em constante mudança.

Em contrapartida, o personagem é regido por traços finitos que dão a impressão de infinitude interior. Ele é representado no romance também de forma fragmentária, como uma técnica de caracterização que procura emular “a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes.” (CANDIDO, 2014, p. 58). Porém, enquanto essa experiência limitada é condição humana, na ficção, ela é arquitetada de forma racional pelo escritor. Isto é, o romancista constrói tecnicamente a infinitude fragmentada que convivemos diariamente. E, para Candido (2014), ele o faz a partir da simplificação, ou seja, da seleção finita de alguns elementos (vestimenta, gestos, aparência física, falas, objetos) que revelam a interioridade infinita daquele ser.

Dessa forma, na visão do autor, o personagem não é o elemento mais importante da narrativa, pois ele não existe separado de seu enredo. Ele é, no entanto, o elemento mais atuante do romance ou novela:

Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, — como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance. (CANDIDO, 2014, p. 54-55)

Seguindo a mesma lógica, Orhan Pamuk discorre sobre o gênero romance em seu livro “O romancista ingênuo e o sentimental” (2011), trazendo ótimas reflexões sobre não só os elementos principais que compõem esse gênero (dentre eles, o personagem), como também

sobre o ato de ler e escrever. Pamuk (2011) se pergunta: “O que ocorre em nossa cabeça, e em nossa alma, quando lemos um romance?” (p. 10). De acordo com o romancista, o leitor deseja ver o mundo do romance através dos olhos do personagem e identificar-se com ele. O leitor procura, então, a paisagem do romance, conceito norteador desse autor:

O leitor tem a impressão de estar não entre as palavras de um romance, mas de pé diante de uma paisagem pintada. [...] E lemos essas histórias como se observássemos uma paisagem e, transformando-a em pintura com os olhos da mente, acostumamos-nos com a atmosfera da cena, deixando-nos influenciar por ela e, na verdade, procurando-a constantemente. (PAMUK, 2011, p. 12-13)

Para esse autor, o caráter do personagem não é o centro de partida do romance. Não é tarefa básica do escritor definir o caráter de seu personagem para, então, começar a história, muito menos é essencial que esse personagem tenha um caráter inesquecível. Sua preocupação reside em ter tópicos e temas claros ao começar a escrever um novo romance, de forma a conseguir explorar satisfatoriamente certos sentimentos, pensamentos e aspectos da vida. Ele afirma que, no início, há uma justaposição de imagens variadas como objetos, eventos, crenças, fatos históricos, além de casos específicos que gostaria de explorar.

Dessa forma, o autor prossegue alegando que há um interesse excessivo na questão do caráter — em referência ao conceito difundido por E. M. Forster — dos personagens na literatura ocidental. Pamuk (2011) chama a atenção para o fato de o caráter do personagem ser, também, um construto artificial criado pela imaginação humana. Logo, para ele, não faz sentido dizer que o trabalho essencial do romancista é criar um herói que dominará e ditará o enredo, já que seu foco não é a personalidade do personagem, mas a sua relação com o mundo que habita, cada situação, som, cheiro, cor, e o que mais os nossos sentidos podem nos suscitar: “A vida dos protagonistas, seu lugar no mundo, a maneira como sentem, veem e lidam com seu mundo — esse é o tema do romance literário.” (PAMUK, 2011, p. 47).

Essa simbiose do espaço, do enredo e das sensações e pensamentos apreendidos pelo personagem compõem o que o romancista chama de “paisagem”. Pamuk (2011) não parece estar tão preocupado com a personalidade do personagem pois esta está diretamente inserida na paisagem do romance: “[...] aprendemos a ver o caráter do herói, seus traços psicológicos e emocionais, como parte da paisagem geral do romance.” (p. 64). No final, a paisagem de Pamuk constitui o último personagem da narrativa, aquele que ele nunca teve o intuito de criar (no que tange a criá-lo **como** um personagem).

Porém, mesmo que o caráter do protagonista não necessite ser inesquecível, o romancista não exclui a ideia de sua reflexão teórica. Para ele, o que torna um personagem memorável não é sua personalidade, e sim a forma como ele anda e habita a paisagem. A

paisagem, então, é o conjunto sistemático dos elementos que compõem um romance, bem como as relações lógicas e de sentido que esses elementos estabelecem entre si. Assim sendo, o papel do personagem é “evocar toda a paisagem na mente do leitor.” (PAMUK, 2011, p. 56). No entanto, o romancista faz uma ressalva que mostra não só sua preocupação e dedicação a construção do personagem, como também evidencia a presença do conceito de verossimilhança em sua teoria: “Naturalmente, os protagonistas precisam ter alma, caráter e constituição psicológica que justifiquem a trajetória e o drama demandados por essa linha, pela trama.” (2011, p. 60).

Além disso, os detalhes apresentados no texto devem deixar a impressão no leitor de estarem imbuídos de significado, de chaves de decifração para o enredo ou para o estado emocional do personagem, devem transmitir a sensação de serem “uma extensão necessária do mundo emocional, sensual e psicológico dos protagonistas.” (PAMUK, 2011, p. 61). Assim, com a sua visão deveras sensorial e sinestésica, o autor não está criticando a ideia de caráter, e sim a importância excessiva ao caráter dos personagens, como se ele fosse o único e mais importante dever do escritor. Como se bastasse criar apenas o personagem e a história surgiria “por conta própria”. Pamuk (2011) nos mostra que, após criarmos o personagem, ainda devemos depreender muito tempo e dedicação aos detalhes da narrativa e do enredo.

Em contrapartida, Assis Brasil (2019) possui uma abordagem na qual o personagem ocupa o foco da narrativa. Como já diz o nome do segundo capítulo de “Escrever ficção: um manual de criação literária” (2019), “O personagem, o poderoso da história”, é dele que, quando bem construído, a narrativa irradia, ou seja, é ele quem fornece sentido aos fatos e acontecimentos narrados. Logo, o conceito de verossimilhança presente no livro é intrinsecamente ligado ao personagem:

A narrativa deve convencer o leitor de um fato: tudo o que ali está é porque o personagem, pelo simples fato de existir, faz com que as coisas aconteçam. [...] é como se atrás os acontecimentos narrados. Ou seja, os eventos de uma história estão enraizados nele, inclusive os fatos incontrolláveis, como um raio que destrói uma casa ou a morte de um potentado na China, para pegarmos a ideia de Eça de Queirós na novela *O mandarim* (1880). (BRASIL, 2019, p. 35-36)

Assim, o final de uma narrativa pode ser surpreendente, mas inevitável, pois a construção lógica do personagem e do enredo arquiteta aos poucos e durante todas as páginas da narrativa aquele desfecho. É surpreendente pois, apesar de ser lógico, as engrenagens não devem ser visíveis ao leitor, mas é inevitável, já que todos os elementos da narrativa convergem para aquele desfecho. Como dito anteriormente, para Antonio Candido (2014, o personagem é um ser muito mais lógico que o ser humano, é regido por regras de causa e efeito. Por isso, os leitores necessitam sentir que aquilo era inevitável, só podia ser daquele jeito para

aquele personagem, e de nenhum outro. Dessa forma, personagem e enredo estão inteiramente conectados, como afirma Assis Brasil (2019), “character is plot⁵” (p. 158). O personagem “atrai” certos fatos devido a sua construção consistente, é como se ele fosse o ator “ideal” para atuar naquela história, o elenco perfeito. Assim sendo, quando bem sistematizados, personagem e enredo se completam e “É a surpresa, aliada à inevitabilidade, que, ao fim, sustenta qualquer narrativa bem-sucedida.” (BRASIL, 2019, p. 37)

Para Assis Brasil (2019), o ficcionista é aquela pessoa que está atenta a tudo e a todos, que quer saber como funcionam as engrenagens do mundo. Pois todas essas pequenas peças podem se juntar para criar uma narrativa um dia. O autor, então, pondera sobre duas formas pelas quais as histórias surgem. O big bang — quando, do nada, surge uma ideia quase pronta com personagem e sua trajetória, com início, meio e fim — e a geleia geral — termo que pega emprestado de Décio Pignatari e que significa uma compilação, uma mistura. Assim como Pamuk (2011), Assis Brasil (2019) defende que as histórias que nascem da geleia geral se revelam primeiro em forma de imagens e sensações variadas que, aos poucos, vão tomando uma forma mais concreta:

Sabemos, sim, que, ao verter o café na xícara, estamos com a mente ocupada com algumas imagens — a ária na corda sol de Bach, uma cadeira ao sol de inverno, um espantalho colorido em meio a uma lavoura, uma criança que segura uma libélula, algo assim —, percepções de coisas que podemos ver e ouvir, mas que não fazem qualquer sentido de imediato. Até que, para nossa surpresa, as articulamos formando um fragmento de história [...]. (BRASIL, ANO, p. 25-26)

Porém, de acordo com o segundo autor, assim que essa geleia geral começa a tomar forma, o personagem ocupa sua centralidade. E este, quanto mais único, mais irá convencer o leitor, pois parecerá humano e consistente. O personagem consistente é aquele que experimenta uma união tão completa com o enredo que nos faz “pensar que ambos nasceram juntos e por si mesmos.” (BRASIL, 2019, p. 38). Além disso, também é necessário que o escritor conheça seu personagem tão profundamente que saiba explicar mesmo as suas ações mais “incoerentes”, aquelas que nem o próprio personagem ou o leitor compreendem. E o escritor o é capaz pois os motivos por trás de todas as ações e reações do personagem devem ter uma ligação lógica com a sua multiplicidade interna. Dessa forma, o personagem será consistente mesmo em suas inconsistências, mas não deixando de surpreender o leitor com suas (aparentes) contradições.

⁵ Segundo Assis Brasil (2019): “Plot — não é fácil encontrar palavra correspondente na língua portuguesa, por causa de seu esgarçamento semântico, mesmo no idioma original. Mas porque neste momento tratamos do conflito, e este se manifesta no enredo, aceitemos que plot é enredo; por essa razão, a tradução ficaria assim: ‘Personagem é enredo.’” (p. 158)

Devido a isso, Assis Brasil (2019) cunha o conceito de “questão essencial”, um traço de personalidade permanente e sofrido que é essencial para incitar o conflito da narrativa:

A questão essencial é algo de originário e, muitas vezes, intransitivo. É questão por ser matéria a ser resolvida — um problema, portanto —, e é essencial porque ínsita ao ser humano. Provoca na pessoa reiteraões totalizantes, dúvidas, embates internos e buscas que quase nunca resultam em algo de aproveitável. (BRASIL, 2019, p. 93)

Partindo da premissa de que o personagem deve ter objetivo na história, os empecilhos apresentados pelos fatores externos provocam o conflito da narrativa. De novo, aqui, a verossimilhança é interligada ao personagem, já que, para ser verossímil, o conflito do enredo é diretamente associado ao caráter do personagem central. O papel do enredo, portanto, é expor o agravamento do conflito para o leitor: “Se o conflito não se agravar, se não piorar a cada capítulo, não há narrativa de ficção” (BRASIL, 2019, p. 163).

Assis Brasil (2019) idealizou seu livro não necessariamente como um manual (mesmo que ele possa ser lido como um), mas como uma reflexão sobre o processo criativo de narrativas longas (novela e romance) que tem como objetivo ajudar pessoas que também queiram escrever ficção. Ele deixa claro que não quer apresentar fórmulas restritas, mas instrumentos de criação, e que cada escritor criará suas próprias fórmulas a partir de suas experiências. Já a obra de Pamuk (2011) é baseada nas seis aulas ministradas nas conferências Charles Eliot Norton em Harvard no ano de 2009:

Com relação a meus objetivos: eu queria falar sobre minha trajetória de romancista, as escalas que fiz no caminho, o que a arte e a forma do romance me ensinaram, os limites que me impuseram, minhas lutas com eles e meu apego a eles. Ao mesmo tempo, eu queria que as palestras fossem um ensaio ou meditação sobre a arte do romance, e não uma viagem pela ladeira da memória ou uma discussão de meu desenvolvimento pessoal. (PAMUK, 2011, p. 74)

Com as devidas ressalvas quanto ao caráter de cada uma das obras, concluo que tanto Pamuk (2011), quanto Assis Brasil (2019) advogam pela união potente entre personagem e enredo. Em minha leitura, os autores divergem no tocante a quem nasceu primeiro: o personagem ou a “paisagem”? E por mais que eles não concordem entre eles nessa resposta, me parece que os dois chegam em um lugar comum. Para Assis Brasil (2019), quem nasce primeiro, isto é, quem deve ser criado primeiro é o personagem. O enredo e o espaço em que se passa essa história nascem, então, da interioridade desse personagem. Já Pamuk (2011) afirma o contrário, primeiro se cria toda a ambientação para, depois, dar atenção a esse personagem que deve filtrar todo esse espaço. Os dois, contudo, apesar de seguirem por caminhos inversos, concordam que o personagem é o grande filtro da ambientação do romance: os eventos, os sentimentos e sensações passam pelo filtro, pelos olhos do personagem central. Assim, nos identificamos com o personagem e passamos a sentir e ver tudo que ele sente e vê, auxiliando

no sucesso literário e estético do romance. Para os fins deste trabalho, irei me valer da teoria de Assis Brasil (2019), por seu caráter didático e por fornecer ferramentas práticas de criação de personagem.

3 O PLANEJAMENTO

Diante do exposto na seção anterior, julguei ser mais proveitoso seguir a teoria de Assis Brasil, visto que seu livro “Escrever Ficção” (2019) foi idealizado a partir de suas aulas de escrita criativa e com o objetivo de proporcionar ferramentas de criação ao ficcionista. Seguindo sua nomenclatura, então, me refiro aos personagens como personagem central e coadjuvante. Sem cair na armadilha de ignorar os personagens coadjuvantes, o personagem central é o que mais adentramos a interioridade durante a narrativa, por isso, podemos considerá-lo o “mais complexo”. Dele, nós precisamos apreender as motivações por trás de suas ações, bem como sua questão essencial. Em suma, ele é o mais (ou um dos mais) afetados pelo conflito da história. Enquanto isso, o personagem coadjuvante, como o nome já diz, existe em relação ao personagem central. Nós não adentramos tanto na interioridade desse personagem, mas devemos conseguir intuir sua relação com o conflito e algumas de suas questões internas.

3.1 PERSONAGEM

As tabelas a seguir são fruto de minha leitura do subtópico “Como dar o primeiro passo para criar um personagem consistente?” (BRASIL, 2019, p. 52-54) no segundo capítulo de “Escrever Ficção” (2019). O autor sugere começar pela delimitação dos elementos básicos — como nome, idade, profissão — e depois adentrar nas questões internas do personagem — como as motivações por trás de seu objetivo. Houve coisas no planejamento que não apareceram na novela, seja porque eu mudei de ideia, seja porque não houve espaço para aquela característica ou tópico. Mesmo assim, foi muito importante para o meu processo criativo esse momento de sentar e organizar personagens e enredo. Foi significativo para dar forma e tomar consciência de quem era a minha personagem além da geleia geral que eu havia formado na minha cabeça inicialmente.

Nas tabelas a seguir, eu também abordo um importante aspecto da teoria de personagem de Assis Brasil (2019): o caráter único do personagem, com o propósito de deixá-lo mais consistente e humano. Pois, se afirmarmos que todos seres humanos são únicos, os personagens literários também precisam ser. Um artifício que ajuda a expor as características que tornam os personagens únicos e que me valí nesse trabalho é apresentar o personagem pela soma de elementos de campos semânticos diferentes, de modo a contrastar e chamar a atenção do leitor. Essa estratégia também pode ser abordada da seguinte forma: O personagem possui características comuns a várias pessoas; O personagem possui características incomuns a

maioria das pessoas; O personagem possui características únicas; Há um evento na vida do personagem que apenas ele ou ela pode ter vivido.

A questão essencial (QE), termo cunhado por Assi Brasil (2019), também é indicada nas tabelas abaixo. Por questão essencial, eu entendo uma parte do caráter do personagem que é pré e pós-histórica, ou seja, existe antes do início da narrativa e se mantém depois do último ponto final. Logo, o modo como nosso personagem reage ao mundo é definido por sua questão essencial. Devemos primeiro pensar e estabelecer a questão essencial, e, a partir disso, colocar o personagem numa situação de mundo de forma a analisar como ele reagiria a partir de sua QE. Além disso, é da questão essencial que sairá o conflito, o qual mencionarei futuramente.

3.1.1 Personagem central – Jaque Mendes

Quadro 1 - Elementos básicos (Jaque Mendes)

Nome	Jaqueline Ferreira Mendes.
Apelido	Jaque.
Idade	20 (quase 21).
Data de nascimento	13/03/1997.
Local de nascimento	Porto Alegre - RS.
Situação financeira	Classe média-alta. Seus pais têm uma boa situação financeira, são donos de uma rede de cafeterias e livrarias em Porto Alegre. Porém, depois descobrimos que, na verdade, eles estão com dívidas e problemas financeiros. Os pais moram em um condomínio fechado em Viamão.
Onde mora	Em Porto Alegre, num apartamento no nome dos pais no Bom Fim na rua do Zaffari da Fernandes Vieira, divide as contas e o condomínio com uma amiga e ainda tem ajuda dos pais no que precisar.
Profissão	Estudante de Psicologia; Vendedora/Barista no café-livraria da família.

Preferências culturais	MPB, Pop internacional, Funk. Cultura anglo-saxofônica (já viajou para muitos países quando criança, sabe falar inglês muito bem). Cultura BR. Cultura Latina.
Faculdade	Psicologia na UFRGS - Instituto de Psicologia - Campus: Saúde. Qual semestre? 7º semestre. Se formou no Ensino Médio em 2013 (com 16 anos). Entrou na faculdade em 2015/1 (com 18 anos). A história se passa nas férias de verão de 2018 (20 p/ 21). Chegar à universidade: 17 min a pé.
Como seria uma tarde de férias desta personagem?	Ir na feira de produtores locais; Comer pastel e cana de açúcar na feira Ir ler na Redenção; Comprar em brechós; Caminhar pelo bairro; Ir em cafeterias e restaurantes legais; Sair para festas e sociais; Andar de bicicleta; Ficar em casa o dia todo vendo série; Trabalhar no café-livraria da família.
O que ela assiste na Netflix?	Documentários de serial killers; Séries de comédia; Filmes conceituados e indicados ao Oscar.
O que ela lê?	Biografia de famosos. Romances clássicos da literatura mundial e brasileira. <i>Best-sellers</i> infanto juvenil.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 2 - Motivações e questões internas (Jaque Mendes)

Os clichês	<ul style="list-style-type: none"> • Ingênua; inocente; burra. • Mimada; riquinha; chata. • Apressada; ansiosa; impulsiva; teimosa. • Não sabe muitas coisas da vida/do mundo devido a idade e a classe social. • Necessita de aprovação externa.
Situação no passado recente	Os pais se mudaram para Viamão e deixaram ela sozinha em um apartamento no nome da família. Isso aconteceu no seu primeiro ano de faculdade, quando ela tinha 18 anos.
Maior medo	<ul style="list-style-type: none"> • Ficar sozinha; • Medo de abandono;

	<ul style="list-style-type: none"> • Morrer jovem.
Manias	<ul style="list-style-type: none"> • Roer as unhas; • Fumar; • Bater os dedos na mesa (e em outras superfícies).
Qual o objetivo de Jackie nesta história?	Jaque quer conquistar Caio.
Qual o motivo de Jackie ter esse propósito?	Ela quer conquistar Caio porque está atraída por ele.
E por que está atraída por ele, no meio de tantas outras pessoas?	Está atraída porque ele deixou claro que não quer nada sério com ela.
Por que ela não quer nada sério com Caio no início? E o que a faz mudar?	<p>Ela não quer nada sério no início porque Caio estava sempre dando em cima dela e ela normalmente não se sente atraída por pessoas que retribuem os sentimentos dela. No fundo, ela tem muito medo de se relacionar, apesar de ser algo que ela quer tanto. Inconscientemente, ela escolhe pessoas que ela sabe que estão emocionalmente fechadas e que não vão retribuir seus sentimentos. Assim, ela confirma teorias sobre ela mesma de que todos a vão deixar. Na cabeça dela, também faz sentido o fato de ela querer se mudar para fora do país depois de se formar, logo, ela não quer criar laços amorosos no Brasil.</p> <p>Desejo contraditório e inconsciente: ela não deseja Caio tanto assim, ela sabe que o que sente por Caio não é amor propriamente dito e sabe que ele não é a melhor pessoa para ela.</p>
O que ela espera dos outros?	Ela espera sempre o pior dos outros. Ela está a todo momento com suas defesas levantadas para se proteger de possíveis ataques que ela cria na sua própria cabeça.
O que ela quer na vida?	Clichê, mas ela quer ser feliz. Porém, ela ainda não sabe o que felicidade significa para ela, se é ter uma vida social ativa e estar sempre cercada de amigos em festas “luxuosas” ou se é acordar cedo, ir à feira local e ler na Redenção. No final, ela quer conseguir arcar com uma vida boa sem depender dos pais, mas sem dar sua alma ao

	trabalho. Ela não acredita em trabalhar em algo que ama. Ela escolheu psicologia pois ela se interessa em entender a mente humana, mas ela não pretende trabalhar com isso.
O que a motiva?	<ul style="list-style-type: none"> • A busca por aceitação e validação externa bem como por amor em todas suas formas: familiar, fraternal e romântico. • Vontade de amar e ser amada, de pertencer. • Autoconhecimento, entender seu lugar no mundo. • Busca por atividades que lhe propiciem felicidade e possibilidade de expressão.
Por que ele age da maneira que age?	Ela não teve uma boa relação com os pais. Quando ela era criança, eles trabalhavam muito para “dar uma boa vida a ela”, e nem sempre estavam presentes para educá-la. Assim, criou-se um padrão instável em sua primeira infância, ela não sabia se ia chorar e ser acolhida pelos pais “doces” ou se eles iriam estar num dia ruim, cansados, e mandar ela parar de fazer drama. Dessa forma, Jaque cresceu atenta aos mínimos detalhes na casa, ao modo como os pais andavam para perceber se estavam calmos ou agitados, ao jeito com que a boca da sua mãe se crispava quando ela estava sem paciência ou como as sobrancelhas levantavam quando ela estava feliz. Como criança, Jaque, então, buscava constantemente agradar seus pais, bem como ser validada por eles. Afinal, por uma questão sobrevivência, sem eles, ela morreria. Misturado a tudo isso, soma-se o constante medo de que um dia eles a abandonem por completo. Ela queria ser aceita pelos pais para que eles não a abandonassem. No restante de sua vida, esse comportamento se transpõe para todas as suas outras relações, com amigos, professores, figuras de poder, figuras de afeto, casos românticos etc.
Ela é mais altruísta do que egoísta?	A maior parte das vezes egoísta. Apenas consegue ser um pouco mais altruísta quando tem algo que ela quer em jogo, seja reconhecimento, algo físico etc.
Orientação sexual?	Bissexual.
Ela é mais conservadora ou progressista?	Progressista.

Quais as contradições de sua conduta, que nem ele consegue explicar para si mesmo?	Ela tem ciência de seus traumas e gatilhos, ela faz psicologia e entende muito bem a mente humana. Mas ela não consegue aplicar esses conhecimentos em si mesma. Ansiosa, mas ao mesmo tempo inconsequente. Ela sabe que é bonita e tem momentos de autoconfiança em que se acha superior a Deus, seguido de momentos em que ela se acha a pessoa mais horrível da face da Terra.
Questão Essencial	Medo de abandono.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 3 - Deixando a personagem única (Jaque Mendes)

Uma característica contraditória	<ul style="list-style-type: none"> • Vegetariana que come carne as vezes; • Julga muito os outros, mas não consegue perceber as atitudes imaturas e tóxicas que ela mesmo tem.
Soma e sobreposição de atributos	<ul style="list-style-type: none"> • Viciada em compras; • Bem-vestida; • Ansiosa e controladora, mas ao mesmo tempo inconsequente.
Aparência Física	<ul style="list-style-type: none"> • Olhos castanhos; • Olheiras; • Cabelos castanhos, sob os ombros e com franja; • Sobrancelhas grossas e por fazer (leve monocelha). • Maquiagem: sombra azul borrada, no estilo <i>indie sleaze</i>. • Unhas curtas, pintadas com um esmalte preto que já está descascando.
Características Comuns	<ul style="list-style-type: none"> • Estudante de psicologia; • Rica; • Olhos, cabelos castanhos (aparência física no geral).
Características Incomuns	Não sonha em trabalhar ou, pelo menos, o trabalho não ocupa o centro da sua vida, seu objetivo. Não sonha em “construir uma carreira”.

Um evento que apenas ela pode ter vivido	Quando tinha 9 anos, ela estava passeando com sua cachorrinha, já era final da tarde e a rua estava começando a ficar escura. Passou um outro cachorro do lado contrário da calçada, a cachorrinha quis ir atrás dele, conseguiu se soltar da guia e atravessou a rua. Um carro vinha em alta velocidade e a atropelou. Os pais de Jaque levaram ela para o shopping naquela noite no intuito de comprar brinquedos e roupas para alegrá-la. Ela nunca teve outro bichinho de estimação.
Características Únicas	Estudante de psicologia com vício em compras e problemas de abandono.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

3.1.2 Personagem coadjuvante – Caio

Quadro 4 - Elementos básicos (Caio)

Nome	Caio Augusto Fernandes.
Apelido	Caio.
Idade	23.
Data de nascimento	27/08/1994.
Local de nascimento	Porto Alegre - RS.
Situação financeira	Classe média-baixa.
Família	<p>Pais divorciados. Mora com a mãe. Tem um irmão mais velho de mesmo pai e mãe com quem não se dá bem (o irmão defende os pais, enquanto Caio os julga por nunca estarem presentes). O pai se casou de novo e teve uma filha (meia-irmã) com a qual ele também não tem muito contato. Os pais se divorciaram quando ele era bem novo (6 anos) e seu pai foi praticamente ausente desde então. Sua mãe que cuidava dos filhos e da casa, o pai sempre atrasava a pensão. A mãe tinha de trabalhar muito e irmão mais velho era o encarregado de cuidar de Caio.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mãe (Marta) - Enfermeira - 50 anos; • Pai (Edson) - 55 anos;

	<ul style="list-style-type: none"> • Irmão mais velho (Fernando/Nando) - Engenheiro Civil - 28 anos; • Meia-irmã (Rita/Ritinha) - 13 anos.
Onde mora	Em um apartamento de dois quartos na Rua Leão XII, Porto Alegre - RS. Mora com a mãe apenas, que faz muitos plantões. Distância da casa de Jaque: 8min de bicicleta.
Profissão	Estudante de Direito / Estagiário no Tribunal da Justiça do Rio Grande do Sul.
Preferências culturais	MPB, Sertanejo, Pagode e Eletrônica.
Faculdade	Ciências Jurídicas e Sociais - UFRGS. Qual semestre? 9º semestre. Se formou no Ensino Médio em 2010 (com 16 anos). Entrou na faculdade em 2014/1 (com 19/20 anos). A história se passa nas férias de verão de 2018 (23 p/ 24). Chegar à universidade: 5min bike.
Como seria uma tarde de férias deste personagem?	Festa Cigarros, bebidas e drogas Correr, se exercitar Andar de bicicleta pelo bairro Ficar em casa o dia todo vendo série
O que ele assiste na Netflix?	Filmes de comédia romântica; Séries de advogados; Filmes de ação.
O que ele lê?	Não lê.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 5 - Motivações e questões internas (Caio)

Os clichês	Egoísta, mulherengo, festeiro, hipster, galanteador.
Situação no passado recente	Terminou um relacionamento há um ano.
Maior medo	<ul style="list-style-type: none"> • Não ser alguém na vida;

	<ul style="list-style-type: none"> • Dependendo de outras pessoas.
Manias	<ul style="list-style-type: none"> • Fumar; • Sair para caminhar/andar de bicicleta no meio de uma briga.
Qual o objetivo de Caio nesta história?	Caio quer “uma namorada sem namorar”, ou seja, ele quer todos os benefícios de um namoro, mas sem o compromisso.
Qual o motivo de Caio ter esse propósito?	Caio teve os pais ausentes durante sua infância, ele não lida muito bem com figuras de afeto e desde pequeno construiu dentro de si a concepção de que ele é melhor sozinho, ele se vira melhor sozinho. Ele se cuida melhor que ninguém e prefere levar a vida assim, sozinho. Ele gosta muito de Jaque, tem carinho e apreço por ela, mas ele não consegue ser a pessoa que ela quer/precisa.
O que ele espera dos outros?	Ele não espera nada dos outros. Ele não vê as outras pessoas como confiáveis. Ele sempre procura resolver seus problemas sozinho.
O que ele quer na vida?	Ele quer construir uma carreira e se estabelecer na vida. Ele quer ser independente em todos os sentidos, inclusive o financeiro.
O que o motiva?	<ul style="list-style-type: none"> • A busca por independência. • Estabilidade financeira e poder aquisitivo.
Por que ele age da maneira que age?	Igual a Jaque, a personalidade solitária e independente de Caio foi moldada a partir da primeira infância. Os pais ausentes de Caio e a instabilidade financeira o fizeram perceber que era “ele por ele” no mundo.
Ele é mais altruísta do que egoísta?	Egoísta.
Orientação sexual?	Hétero.
Ele é mais conservador ou progressista?	Progressista.
Quais as contradições de sua conduta, que nem ele	No fundo, ele gostaria de ter alguém que cuidasse dele, por isso ele se relaciona com a Jaque. Ele pode ser extremamente romântico. Ser

consegue explicar para si mesmo?	aparentemente muito confiante de si, mas ser extremamente inseguro também.
Questão Essencial	Ser (ou não ser) independente.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 6 - Deixando o personagem único (Caio)

Uma característica contraditória	Romântico.
Soma e sobreposição de atributos	Romântico, galanteador e emocionalmente instável.
Aparência Física	<ul style="list-style-type: none"> • Olhos estreitos da mesma cor que a pedra “olhos de tigre”; • Cabelos castanhos; • Lábios grossos com uma cicatriz na parte superior; • Pele eternamente bronzeada.
Características Comuns	<ul style="list-style-type: none"> • Estudante de direito; • Olhos, cabelos castanhos (aparência física no geral); • Personalidade festiva, popular e inconsequente.
Características Incomuns	<ul style="list-style-type: none"> • Atencioso e romântico; • Gostar do suor do verão.
Um evento que apenas ele pode ter vivido	<ul style="list-style-type: none"> • Cair de bicicleta e ter uma cicatriz em cima da boca. • Ter sofrido bullying na escola e então se reinventado e passado a ser popular.
Características Únicas	Combina pares de chinelos de cores diferentes.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

3.2 ENREDO

Por mais que meu recorte acadêmico seja o personagem, não posso deixar de pincelar o enredo de minha história, visto que “Entre história e personagem deve haver uma tal simbiose que faça pensar que ambos nasceram juntos e por si mesmos.” (BRASIL, 2019, p. 38). O enredo é um sistema que organiza — através da relação de causa e efeito — a sucessão de eventos da narrativa a fim de evidenciar cada vez mais o conflito. O conflito, por sua vez, é o dilema central, que se configura em modo de uma escolha entre duas opções necessariamente excludentes que o personagem deve realizar. Assim, de acordo com Assis Brasil (2019), vale ressaltar que o personagem deverá comandar a narrativa, ou seja, sua questão essencial aliada, motivações e objetivos darão sentido ao enredo. Por isso, também é necessário pensar na pré-história — as situações que aconteceram antes da primeira letra maiúscula —, na sinopse — uma única frase que explicita o tema da história, a questão essencial e o conflito — e no resumo — a seleção de eventos que dão forma à narrativa.

Quadro 7 - Gênero e sinopse

Gênero literário em mente	New Adult.
Sinopse	Jaqueline, uma jovem-adulta carente e materialista do Bom Fim, se envolve em um breve romance de verão com Caio, um jovem-adulto emocionalmente instável e indisponível.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 8 - Conflito

“Fatores externos ao personagem + percepções e ações internas do personagem a partir de sua questão essencial > conflito da história > tensão” (BRASIL, 2019, p. 108)	Conhecer e se relacionar com Caio + Insegurança, medo de abandono e vontade de ser aceita e amada que distorce a realidade dos fatos > ficar ou não ficar com Caio > tensão.
“Situação inicial do personagem + fatores externos que geram o conflito da história = alteração da atitude do personagem perante esse conflito.” (BRASIL, 2019, p.119)	Jaque solteira e com todas suas questões pessoais + Conhecer e se relacionar com Caio = Quando a relação com Caio termina, ela se surpreende que sente um misto de vazio com alívio e bem-estar.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 9 - Resumo do enredo

Onde e quando a narrativa se situa?	Em Porto Alegre, na zona central e boêmia da cidade, durante as férias de verão de 2018.
Intervalo de tempo em que a ação central se desenvolve.	Três meses.
Etapas do relacionamento de Caio e Jaque.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pré-história; 2. Primeiros encontros; 3. Tudo são flores; 4. Espere, algo não está certo; 5. Talvez não seja tão ruim, afinal; 6. Esquece, na verdade é muito ruim sim; 7. “Término”.
1. Pré-história.	<ul style="list-style-type: none"> ● Se conheceram no Café-Livraria em março de 2017. Caio estava com a sua ex. Jaque trabalhava de barista nesse dia, ela atende a mesa deles. Jaque sente uma energia de “destino” imanando daquele encontro. ● O interessante é que o leitor/Jaque não descubra exatamente tudo que está acontecendo entre Caio e a ex nesse momento. ● Caio encontra o Instagram de Jaque pois ela está marcada em fotos do Café-livraria. Eles flertam um com o outro, ela descobre que ele não está mais

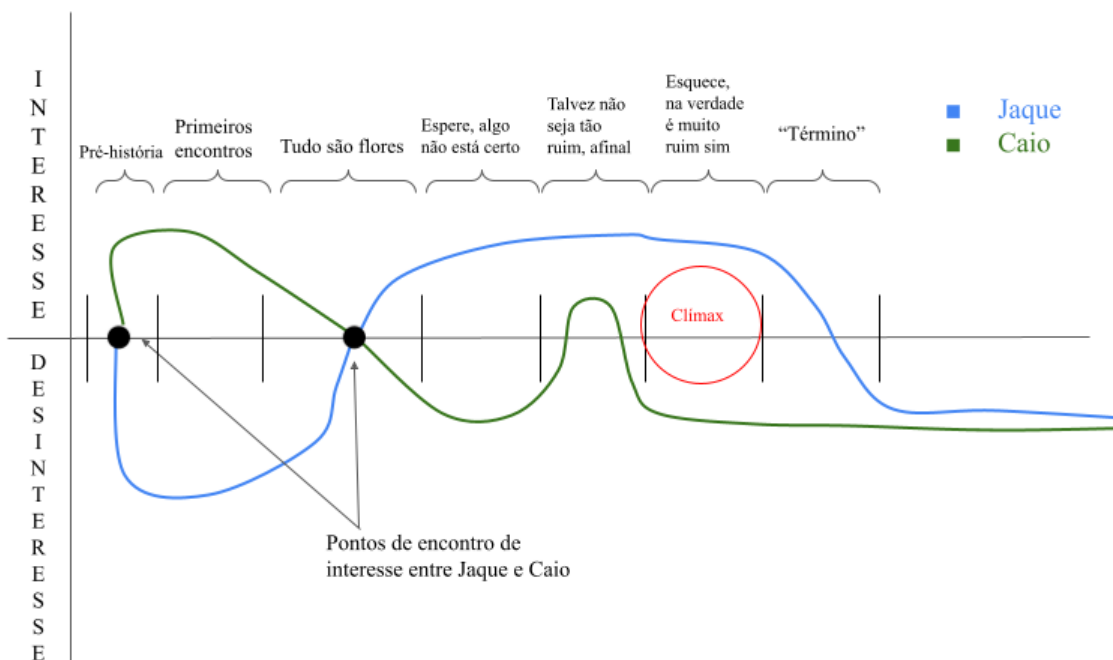
	<p>namorando. Mas logo Jaque fica desinteressada pois ele demonstra estar muito a fim dela. Então, ele volta com a ex por mais 6/4 meses até terminar de novo 6 meses antes do romance de verão entre Caio e Jaque (reencontro).</p>
2. Primeiros encontros.	<ul style="list-style-type: none"> ● Semana 01: Reencontro (sem querer) <ul style="list-style-type: none"> ○ Festa na Associação Cultural Vila Flores no final de tarde. ○ Há uma mudança na dinâmica do casal (Jaque passa a se interessar mais em Caio, que, por sua vez, passa a perder o interesse gradualmente em Jaque). ○ Conversam, mas não se beijam. ● Semana 02: <ul style="list-style-type: none"> ○ Caio vai visitar Jaque no Café-Livraria. ○ A mãe de Caio vai ter um plantão e ele a convida para ir na sua casa. Ela não aceita, pois não quer ser tratada apenas como ficante. ○ Jaque faz uma contraproposta: convida para irem num restaurante/<i>happy hour</i>. O restaurante é caro para a realidade de Caio, mas ele vai pois quer muito ficar com ela. Ele demonstra estar desconfortável naquele ambiente. ● Semana 03: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na casa de Caio, Jaque percebe que ele não tem tanto dinheiro quanto ela. Caio se sente desconfortável em trazer Jaque para sua casa. Mesmo assim, passam todo o final de semana juntos e transam pela primeira vez. Eles conversam sobre o futuro, o que querem fazer quando terminarem a faculdade, onde querem trabalhar, o que esperam da vida de adultos.
3. Tudo são flores.	<ul style="list-style-type: none"> ● Semana 04/05/06: <ul style="list-style-type: none"> ○ Essa parte da história será mais condensada, de forma a ir direto ao problema. ○ É frequente as visitas surpresas de Caio ao Café-Livraria. Eles começam a se tratar como namorados, dormem seguido um na casa do outro. ○ Cena que desejo escrever nesse trecho: De manhã, Jaque está se arrumando para ir trabalhar, eles estão tomando café da manhã juntos. Uma cena de “comercial de margarina”.
4. Espere, algo não está certo.	<ul style="list-style-type: none"> ● Semana 07/08:

	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ele não quer ver ela por uma semana, pede um tempo para ficar sozinho. Logo, suas visitas surpresas no trabalho de Jaque param. Ele começa a se atrasar e remarcar os encontros. ○ Cena que desejo escrever nesse trecho: Jaque no trabalho olhando para a porta e realizando que ele nunca mais apareceu para vê-la. ○ Cena que desejo escrever nesse trecho: eles combinaram algo, ela se arrumou e se preparou psicologicamente, e ele chegou muito atrasado.
5. Talvez não seja tão ruim, afinal.	<ul style="list-style-type: none"> ● Semana 09: <ul style="list-style-type: none"> ○ Eles brigam. Motivo da briga: os atrasos e remarcações de Caio. Porém, a briga escala e assuntos como o que cada um quer do futuro são abordados. Caio fala para Jaque que ela só consegue não se importar com trabalho pois é bancada pelos pais. Jaque, para se defender e machucar Caio de volta, diz que ele não valoriza todo o esforço que a mãe dele coloca nele e na casa e está sempre fingindo ser um “lobo solitário”. No meio da briga, Caio sair para andar de bicicleta. Jaque, sozinha, estoura o limite do cartão <i>online</i>. ○ No dia seguinte, perdões são proferidos e eles se reconciliam. Tudo parece que vai dar certo para Jaque.
6. Esquece, na verdade é muito ruim sim.	<ul style="list-style-type: none"> ● Semana 10 e 11: <ul style="list-style-type: none"> ○ Caio vai à praia por tempo indeterminado e não dá atenção para Jaque enquanto está lá. Jaque se sente rejeitada e se encontra em seu ponto mais baixo da narrativa. Ela pede dinheiro aos pais para pagar as faturas parceladas e atrasadas do cartão, e eles revelam que não podem mais ajudá-la pois estão com dívidas na rede de cafés. A Cecília é a pessoa que está lá para dar suporte a Jaque, e elas acabam se beijando. É revelado que Cecília gosta de Jaque. Num ato inconsequente, Jaque machuca os sentimentos tanto de Caio quanto de Cecília, pois esta cria expectativas e aquele vê o ato como traição. Jaque afirma que não o traiu pois eles nunca conversaram sobre serem exclusivos e ele não conversava mais com ela direito.
7. “Término”.	<ul style="list-style-type: none"> ● Semana 12: <ul style="list-style-type: none"> ○ Jaque vai chorar sobre Caio com Cecília. Cecília fica braba ao perceber que foi usada. Os amigos em comum de Jaque e Cecília descobrem o que

	<p>aconteceu entre elas e tomam o lado da Cecília. Ao se ver novamente desamparada, Jaque abusa de substâncias alcólicas e decide visitar Caio.</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Jaque dá um ultimato a Caio: ou eles começam a namorar e viram exclusivos ou eles terminam. Caio, então, termina. ○ Ponto de mudança em Jaque: Ela se surpreende que, primeiro, não sente nada. Depois, sente vazio. Alívio. O que ela tanto temia tinha acontecido, e não tinha sido tão ruim assim. Na verdade, ela se sente bem. ○ Ela sonha com ele e se pergunta o que isso significa. Jaque chega à conclusão que sente falta de sentir de sentir fala de Caio, pois dele ela não sente.
--	--

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Figura 10 - Gráfico do enredo



Fonte: elaborado pela autora (2022)

4 EM BUSCA DA VOZ DE JAQUE MENDES

Nesta seção, trago as duas versões anteriores de minha novela a fim de elucidar as etapas do processo criativo — A primeira versão é composta por dois capítulos, enquanto a segunda versão é composta apenas pela “Parte I”. Apesar de já ter planejado a maior parte do enredo e toda personagem (dentro do que é possível), ao escrever, percebi que faltava encontrar o “tom” de minha narrativa. Assim, a primeira versão está em terceira pessoa, minha preferência de escrita, porém, eu estava cometendo muitos erros de inconstância verbal (relacionada ao tempo verbal, que flutuava entre passado e presente) que achei serem devidos ao uso da terceira pessoa. Além disso, percebi que muitas passagens que poderiam ser “mostradas” foram “contadas”, isto é, em vez de narrar as ações e deixar os leitores intuírem o resto, o narrador entregava de bandeja o que estava acontecendo com a protagonista. É importante comentar que essa primeira versão foi escrita antes do planejamento dos personagens Jaque e Caio, bem como do enredo. Podemos dizer que essa é a versão embrionária escrita durante o processo de “geleia geral”, como diz Assis Brasil (2019, p. 25). O casal, então, se conhece de uma maneira diferente e ambos ainda não possuem uma pré-história individual definida. A própria protagonista ainda se chama “Jackie” e não “Jaque”. Nessa primeira versão, julgo ser o meu momento como escritora de começar a encontrar os personagens e a história.

Já na segunda versão, acredito ter logrado “encontrar” os personagens e o enredo, visto que esse texto foi escrito após o planejamento apresentado na seção anterior. Assim sendo, a troca para a primeira pessoa ajudou nos deslizos de tempos verbais e aproximou a narrativa do gênero proposto: New Adult. Essa versão foi muito mais pensada que a anterior, e levou em conta o “todo” da história. Defini que queria contar como o casal se conheceu e, depois, como se reencontrou após seis meses sem se ver. Me inspirei em um lugar real em Porto Alegre para descrever o ambiente do reencontro dos personagens: a Associação Cultural Vila Flores. Defini uma característica física marcante para cada personagem, Jaque usa a mesma maquiagem azul nos olhos desde os 12 anos; Caio usa um chinelo de cada cor pois perdeu os respectivos pares dos chinelos. Como dito anteriormente, essa primeira parte foi idealizada pensando na mudança na dinâmica do casal, é o ponto em que Jaque começa a se interessar mais e mais e Caio começa a perder o interesse. Entre colchetes e em itálico, se encontram anotações minhas. Se trata de passagens que eu gostaria de incluir na narrativa na futura reescrita.

Entretanto, apesar das personagens já estarem bem delimitadas, tanto pelo planejamento quanto pela troca para a primeira pessoa, me foi apontado em uma reunião com meus amigos escritores que o tom da narrativa se encontrava instável. Ficou claro que eu oscilei muito entre

a formalidade e a informalidade, o gauchês e o não gauchês. Logo, na versão final da novela, que se encontra na penúltima seção deste trabalho, procurei uniformizar o tom a partir da definição de como essa personagem está contando a história. Defini, então, o seguinte cenário: Jaque se encontra com uma amiga que não vê pessoalmente há um ano e coloca essa amiga a par do relacionamento com Caio. Dessa forma, percebi que não basta só o planejamento da vida e da personalidade da personagem, mas também é necessário pensar em como ela vai se marcar na narrativa, de modo a trazer à luz o planejamento. Nessa última versão, também fiz uso de colchetes em itálico, mas, dessa vez, eles fazem parte da narrativa como indicações de um roteiro de cinema ou TV.

Infelizmente, não foi possível abordar a fundo todos os elementos sobre os personagens e, quem dirá, sobre a narrativa. Dessa forma, futuramente, pretendo revisar a questão do conflito e da unicidade, de forma a deixá-los mais delimitados em minha narrativa. Também gostaria de fazer um tratamento astrológico dos personagens, definindo seus mapas astrais a fim de entender melhor como cada personagem reage às situações do enredo. Além disso, sinto a necessidade de dedicar-me à construção da personagem coadjuvante Cecília, pois ela se mostra muito presente na narrativa. Ainda dentro da pesquisa e planejamento, vejo que é necessário eu pesquisar mais sobre a faculdade dos protagonistas (psicologia e direito), bem como buscar e ler narrativas em que o personagem conte sua história oralmente a alguém. Gostaria também de visitar fisicamente os espaços de Porto Alegre que desejo incluir na história, como o Vila Flores e até mesmo a rua em que os personagens moram e caminham frequentemente. Já em questão de escrita per se, eu gostaria de adentrar mais na interioridade das personagens, bem como construir melhor a relação de interesse e desinteresse entre Jaque e Caio (quando Caio está interessado, Jaque deve estar desinteressada e vice-versa). Por fim, acredito ser necessário delimitar melhor quem é o interlocutor com que Jaque conversa e como fazer a protagonista se marcar no discurso de uma maneira informal sem perder a linguagem poética da literatura.

4.1 VERSÃO I

Capítulo 1

1º encontro: 24 de setembro (quinta)

O celular de Jaqueline estava na mesa entulhada de louça: uma caneca com café velho, outra com um saquinho de chá já seco, e dois copos com resquícios caipirinha em cima de um prato. Na tela, as mensagens continuavam a subir. Jackie olhou para a cama desfeita e repleta de ursinhos de pelúcia de sua infância. Com o olhar fixo no unicórnio, pensou na merda que havia feito nos últimos 30 minutos da sua vida.

Uma hora e duas caipirinhas atrás, Jackie encarava o artigo final de uma cadeira. Nunca conseguia ler o que escrevia, mesmo que fosse acadêmico; cada linha lida vinha com uma onda de enjoo e repulsa. O risquinho que antecede a letra a ser digitada piscava sozinho havia um tempo, sem nenhum caractere depois dele.

Em vez de terminar o trabalho, Jackie atualizou o feed do Instagram pela terceira vez; seu dedo já fazia o movimento automático de cima para baixo. Nesse momento, cometeu o erro de olhar para a tela do computador e foi obrigada a se deparar com o risquinho piscando sozinho. Abriu o Twitter. “que saco revisar essa merda eu n aguento mais”. Se contarmos as pausas para ir ao banheiro, pegar algo para comer na cozinha, abrir a porta para o gato e conversar com Cecília, sua colega de piso, ela contabilizava um total de 20 minutos editando o texto de fato.

Cecília, aliás, estava com uma garota nova em casa, uma que Jackie não conhecia ainda. Desde o término com a ex, sua amiga mantinha um círculo de ficantes lembráveis apenas por apelidos.

“Hoje a Amanda vem aqui, okay?” havia dito mais cedo.

“Amanda?” Jackie perguntava, tentando lembrar se era a cabeleireira ou a professora.

“A professora.”

“Ah, okay.”

Mais tarde, em um dos seus passeios por dentro da própria casa, Jackie encontrou Cecília fazendo caipirinhas. A amiga lhe ofereceu um copo. Dessa vez, a garota que com quem estava tinha o braço esquerdo cheio de tatuagens old school nas cores preto, vermelho, amarelo e verde.

Jackie voltou para o quarto com a mão molhada, colocou o copo na escrivaninha, bem ao lado do computador, e secou as palmas das mãos na calça do pijama. Sentou na cadeira e olhou por cima do computador para as fotos coladas na parede.

Depois da segunda caipirinha — cortesia de Cecília, que entrou sem bater trazendo mais louça para a coleção —, as palavras que antecediavam o risquinho começaram a ficar mais e mais embaralhadas e o comentário de Cecília de mais cedo começava a ficar mais e mais tentador.

“Tu não quer chamar ninguém, não?” havia perguntado.

“Não posso, esse texto é pra amanhã.”

Com o corpo cada vez mais quente e o texto parecendo cada vez menos importante, Jackie abriu o Twitter mais uma vez. Clicou nas direct messages e foi rolando para baixo para analisar suas opções. Fez o mesmo com o Instagram. O dedo se moveu de baixo para cima na tela do celular até que ela se deparou com uma foto de Caio. Abriu sua última mensagem.

caio.do.céu:

Reagiu a seu story.

Ele havia respondido com um emoji de foguinho uma foto de Jackie de biquíni na praia.

jackie.line:

oii

tá fazendo o que?

Ela se arrependeu disso no mesmo instante em que clicou “enviar”. Jogou o celular na escrivaninha à sua frente com mais força do que o necessário. Logo depois, porém, a tela se acendeu.

caio.do.céu:

nada dms

pq??

Emojis de olhinhos virados para o lado completavam a mensagem. Jackie se levantou da cadeira, pegou o celular, mas não abriu a conversa. Em vez disso, encarou a tela brilhante com a mensagem de Caio. Um ódio começou a crescer dentro de si, vindo da ponta do pé, passando pela garganta e se instalando no meio de sua testa como uma futura dor de cabeça. Ao passar a mão pelo cabelo oleoso, se lembrou que não havia tomado banho ainda. Abriu a

mensagem e deixou Caio no vácuo enquanto a água quente do chuveiro queimava seu couro cabeludo.

Os pés quentinhos encontraram o chão gelado do banheiro. De dentro do box, saiu com o corpo limpo e com cheiro de sabonete. Ela puxou o tapete para perto de si e apreciou o toque dos pelinhos macios. Sempre usava o tapete perto da pia para se arrumar e se esquecia de colocar na frente do box para quando saísse do banho.

Enrolada na toalha, Jackie secou o rosto nas fibras ásperas do tecido que arranhavam sua pele ressecada pela água quente. Sua cabeça latejava e ela sentia todos os fios de cabelo entrando pelo seu couro cabeludo e chegando aos seus pensamentos. Ignorando a dor de cabeça que finalmente chegava, alcançou o celular e conferiu as notificações. Nada de novo. No Instagram, ela atualizou a tela para ver se algo novo surgia, sem êxito.

jackie.line:

to entediada
em casa
sozinha

caio.do.céu:

opa
isso é um convite?

jackie.line:

talvez.....
sim

Nos 30 minutos seguintes, Jackie moveu a pilha de louça do quarto para a cozinha e secou seu cabelo no modo express. Fez uma maquiagem básica que dizia “Quero que pareça que eu não estou usando nada, mas na verdade me importo muito com minha aparência, por favor, diga que eu sou bonita”. Ao fundo, sua playlist *Mood* tocava *thank u, next* da Ariana Grande e ela repetia as palavras como se acreditasse no que estava cantando. Não demorou muito para Caio tocar o interfone do prédio 903, e o toque estridente que assustou o gato.

Por que Jackie havia chamado ele mesmo?

Ela atendeu o interfone e avisou que já estava descendo. Quando se encontraram, olhou Caio de cima para baixo, escaneando suas roupas e seu modo de se portar. Ele usava uma calça jeans caramelo com uma camiseta cinza que seria bonita se não fosse pela estampa brega. Nos pés, ambos usavam All Stars.

Entre um “Oi” e um abraço desajeitado, Caio disse que ela estava muito “tilera”, que era um prazer finalmente conhecê-la. Era estranho vê-lo pessoalmente. O sorriso torto e os olhos de filhote não combinavam nem entre si, nem com a imagem construída por Jackie na meia hora passada.

As primeiras interações entre eles foram estranhas. Uma subida de elevador estranha, uma conversa estranha, uma troca de olhares estranha, uns toques estranhos. Jackie se arrependeu de ter jantado, pois o efeito da caipirinha já estava passando. Como Cecília e a peguete estavam usando o resto do pequeno apartamento, Jackie restringiu o encontro para o seu quarto: ela sentada estranho na cadeira de escritório, ele sentado estranho na cama.

Música, era isso de que precisavam, pensou enquanto abria o Spotify no computador e ligava a caixinha de som.

“Que tipo de música tu curte?”, perguntou.

“Hum, um pouco de tudo. Sou bem eclético, eh... funk, indie, rap, tudo isso aí.”

“Ah, legal! Eu também curto esse tipo de música, adoro Lil Nas X.”

“Eu curto mais rap nacional, sabe?”

“Na verdade, não... Vou colocar uma playlist minha aqui então, mas, se quiser colocar alguma outra coisa, fica à vontade.”

Jackie deixou Caio sozinho no quarto com a caixinha de som tocando sua playlist de sexo enquanto foi pegar mais caipirinhas e umas cervejas também. Com o álcool entrando no sistema, a estranha conversa começou a tomar forma. Caio estudava Direito na PUCRS, ela fazia Psicologia na UFRGS. Ele tinha 25; ela, 21. Ele gostava de MPB, ela ouvia pop estadunidense. Se ele era o verão, quente, alegre e agitado, ela era outono, calma, confortável e felpuda. Ele comentou que eram “de dois mundos diferentes” e ela concordou sem entender totalmente o que ele queria dizer com aquilo. Seria algo ruim?

Alguns goles de bebida depois, ela levantou da cadeira para se sentar perto de Caio na cama. Os olhos dele eram muito mais bonitos do que ela havia notado antes. Sob a luz precária do portão, pareciam castanhos como os dela, mas, agora, com a luz do abajur diretamente neles, percebeu que eram de um âmbar nunca visto antes.

Jackie se perguntou o que as janelas dos olhos dele mostrariam quando ele as abrisse. Se ele as abrisse. As janelas delas estavam fechadas desde as decepções anteriores, mas um sopro bastaria para abri-las. Não importava o quanto tentasse matar a esperança com o auto-ódio, a filha da puta continuava lá, fraquinha, mas lá. E a filha da puta crescia muito rápido, bastava um olhar caloroso e cheio de promessas. Era disso que ela se alimentava: promessas, potencial, possibilidades.

“Tu já tá meio alta?”, Caio perguntou.

“Um pouco, por quê?”

E, com essa deixa, ele se inclinou e encaixou sua mão no maxilar de Jackie, que riu. Ela se inclinou a outra metade do caminho e completou a dança.

#

No meio do sexo, Jackie teve que pedir para parar pois estava com muita dor. Caio perguntou se ela era virgem, ao que ela respondeu com uma cara contorcida e um “Claro que não” ríspido. “Só faz muito tempo que eu não...”. Resolveram ir para a sala, já que Cecília e a peguete estavam trancadas no quarto. Sentados no sofá, Jackie acendeu um cigarro e ofereceu outro a Caio. Ele aceitou, e seu rosto se iluminou com o fogo do isqueiro rosa. Filetes de fumaça saíam dos cigarros e se dissipavam pela janela.

“Que área no Direito tu quer seguir?”, Jackie perguntou.

“Direito Tributário”, Caio respondeu.

“Não faço a mínima ideia do que é isso.”

Rindo, ele disse “Nem eu.”

Ela olhou para Caio à procura de um sinal de ironia, mas sua expressão estava calma em meio ao sorriso. Ela ponderou perguntar se ele estava falando sério e insistir no questionamento, mas, ao invés disso, ficou calada.

“E como é a faculdade de... O que tu faz mesmo?” Caio disse.

“Psico.”

“Desculpa.”

“Tudo bem.” Jackie deu uma tragada longa no cigarro e soprou a fumaça para longe. “É legal, no geral. A gente pode estudar muitas coisas dentro dessa área.”

Ele olhou para ela com um ar intrigado enquanto fumava, como se dissesse “continue”. Então ela continuou:

“Tipo, tem a Psicologia Clínica, que é no que todo mundo pensa quando falamos em Psicologia. Mas tem também outras áreas mais focadas no social, no desenvolvimento infantil e humano, em dificuldades de aprendizagem... Vish, é tanta coisa.”

“Interessante”, disse com o cigarro entre os dentes. “E o que que tu curte mais?”

“Eu? Bah, não sei. Tudo e nada ao mesmo tempo, faz sentido? Cogitei fazer Letras, Jornalismo, Sociologia, História, mas, no final, fiquei com Psico mesmo.”

“Letras é muito massa”, respondeu.

“Verdade, e se encaixa muito com Psicologia.”

“É?”

Caio não sabia que o Complexo de Édipo foi criado com base na tragédia grega *Édipo Rei* e não pareceu muito interessado no conceito de Unheimlich de Freud, o que não impediu Jackie de continuar falando. O inquietante, o estranho que ressurgue das profundezas com um sentimento de familiaridade. The Uncanny, o aterrorizante que nos leva de volta para algo já conhecido por nós, mas talvez enterrado nas profundezas do nosso ser por muito tempo.

De volta à cama, Jackie falou que não gostava de dormir abraçada. Mesmo assim, Caio jogou seu braço por cima do corpo dela, a mão quente como um ferro para marcar cavalo. Ela não dormiu bem naquela noite.

Capítulo 2

25 de setembro – 3 de outubro

De manhã, Jackie só queria que ele fosse embora, mas, em vez disso, sorriu e ofereceu café. Estava quente na sala de estar, e eles se sentaram junto da mesa sobre o piso de taco que refletia o calor em seus rostos inchados, gravados com olheiras profundas e gotículas de suor na raiz do cabelo.

Enquanto bebericava o café passado com água fervente, Caio disse que o dia estava bom para andar de bicicleta no Gasômetro. “De patins também”, respondeu Jaqueline, e um gole ardente de café desceu pela sua garganta.

Os dois fizeram falsas promessas de pegarem bicicletas do Itaú para andar pela cidade um dia. As barrigas roncando foram o sinal para se despedirem. Caio ia almoçar em casa apesar da oferta educada de miojo de Jackie, que agradeceu mentalmente ao fechar a porta atrás dele.

Ela dormiu a tarde toda com o ventilador virado para si. Às 18h, assistiu um documentário sobre serial killers na Netflix enquanto devorava um delivery de comida chinesa. Finalmente de banho tomado, janela aberta e pés para o alto — sua cama era encostada numa parede com janela, e Jackie costumava deitar horizontalmente na cama e apoiar os pés descalços na parede enquanto sentia a brisa de verão entrar —, ela repassou a noite anterior. Já vinha lembrando os acontecimentos em forma de flashes durante o dia: antes de pegar no sono, viu a mão grande de Caio na sua coxa; enquanto assistia ao documentário, comparou o sorriso dele com o do moço que interpretava o protagonista; e, durante o banho, sentiu com alívio a água do

chuveiro lavar os toques trocados. Mas, naquele momento, de pernas para o alto em frente à janela, pensou que precisava de outro banho.

#

Era sábado, a luz já penetrava pelas frestas da persiana e seu celular tinha uma notificação de Caio. Jackie desceu a escadaria velha de seu apartamento no Bom Fim com a biografia da Rita Lee debaixo do braço e uma canga na ecobag do Louvre. Sentou-se na grama da Redenção com o café preto e o pastel de carne que havia comprado em uma padaria no meio do caminho. Em algumas semanas, completariam dois anos que ela tentava se tornar vegetariana.

Sair de casa sozinha para aproveitar sua própria companhia havia sido uma indicação de sua psicóloga, Jéssica, que a diagnosticou um comportamento codependente. O tédio de estar sozinha a fazia mexer no celular, mas a pressão social de estar com o livro aberto na barriga a fazia largar as redes sociais e focar na leitura. A sensação de ser observada continuava enquanto ela lia, mas se tornava um senso de superioridade ao imaginar as pessoas observando uma garota que lia sozinha num sábado de tarde no parque.

Quando entrou numa parte entediante do livro, a pressão social não foi o suficiente para impedi-la de pegar o celular. Por força do hábito, abriu suas mensagens no Instagram e se deparou mais uma vez com a foto em miniatura de Caio ao lado da notificação “caio.do.céu enviou uma nova mensagem”.

Por alguns minutos, evitou a tentativa de contato e revezou entre diferentes contas nas redes sociais, vendo vídeos de gatinhos e cosméticos naturais. Na hora em que o tédio e a ansiedade quase a impulsionaram a abrir a mensagem, levantou e recolheu sua canga. Ponderou se estava sentindo fome e decidiu pedir um xis com suco natural de maracujá na Lancheria do Parque. De lá até sua casa, foi uma caminhada de apenas 5 minutos, que foram tomados pela observação dos prédios e das casas. Quando a mensagem de Caio tentava roubar espaço na mente de Jackie, ela focava nos detalhes intrincados de uma janela do segundo andar de algum prédio.

Em seu apartamento, continuou o seriado na Netflix sobre um serial killer que tinha transtorno dissociativo de identidade. Em algum momento, Cecília se juntou a ela no sofá com um balde de pipoca. A amiga perguntou sobre Caio, e Jackie a respondeu citando Amanda.

“Vou na Amanda só semana que vem”, disse Cecília. “É bom dar um tempo.”

“O Caio me mandou mensagem... Não, não sei ainda sobre o que é. Não abri.”

A partir de então, Cecília incomodou Jackie para ler a mensagem de Caio. Seus argumentos eram plausíveis. Do que ela tinha medo? Por que não abria logo? O que de ruim poderia acontecer? Afinal, era só uma mensagem.

Jackie concordou, desde que fosse Cecília quem abrisse e lesse primeiro. Cecília logo pegou o celular da mão de Jackie e, passando pelos aplicativos, perguntou:

“Onde foi?”

“No Instagram”, Jackie respondeu.

Então o rosto de Cecília passou de extrema excitação para uma cara decepcionada. Seus ombros relaxaram e ela jogou o celular no sofá.

“Não acredito nisso, que vergonha alheia”, disse rindo.

Jackie tomou o celular com rapidez pela primeira vez para ler a mensagem.

caio.do.céu:

bom dia, linda

pensei em ti o dia todo hoje

Se não fosse por Cecília ter dito aquilo antes, Jackie reviraria os olhos para a mensagem e concordaria com a amiga. Mas não daria o braço a torcer.

“Eu gostei” disse à Cecília. “Mas não sei o que responder”.

Cecília continuou com o interrogatório: Tu gostou dele? Tu quer ver ele de novo? Em qual vibe tu tá? Jackie não sabia responder nada daquilo. Cecília disse que assim ficava difícil ajudar, e Jackie concordou mentalmente. Ela tinha consciência das bagunças que causava na própria vida. Afinal, estava com um pé atrás, não queria nada sério. Cecília disse para ela ser sincera com Caio, mas o que isso queria dizer?

4.2 VERSÃO II

PARTE I

Não sabia dizer o que era pior: Porto Alegre no verão ou no inverno. No inverno, as temperaturas baixas e a falta de infraestrutura da cidade me deixavam com saudades do verão. No verão, o asfalto quente levantando mormaço me deixava com vontade de escapar para a praia e nunca mais voltar.

E como estava quente naquela sexta-feira! Não era um calor qualquer, era do tipo que torrava a nuca, que te fazia andar pela casa com um ventilador portátil de camelô e lavar o cabelo só para se refrescar. Era uma onda de calor que nem a da Europa, já que Porto Alegre era o amigo chato que sempre te lembrava de que era descendente de europeu.

Eu, por minha vez, balanceava minhas férias entre momentos de intensa apatia jogada no chão gelado da sala vendo documentários de serial killers e momentos como aquele dia, quando um surto de extroversão tomava conta de mim e de minha colega de quarto e decidíamos que nossa vida não podia ser gasta no sofá sujo com migalhas de Ruffles. Então, nos arrumamos e marchamos em direção a Vila Flores como boas soldadas da noite (mesmo que ainda fossem seis da tarde).

Aquele lugar era um dos cantos que faziam valer a pena viver em uma cidade grande sem linhas suficientes de ônibus. A “Vila”, na verdade, era um beco cercado por prédios de tijolos à vista, com um tapete de paralelepípedo para combinar. Os prédios abrigavam comércios locais como cafeterias, livrarias, exposições de arte. Eu até já havia sugerido para o meu pai criar uma filial do Café-Livraria dele ali, mas ele não me escutava. Além disso, em alguns dias específicos da semana, aconteciam feiras de orgânicos e produtos artesanais, sem contar festas e comemorações.

Foi num dia de festa que fui para lá com a Cecília. A música estava alta e era difícil de conseguir uma cerveja gelada nas tendas instaladas. A fila e a muvuca eram tão grandes que a cerveja ficava quente até chegar em suas mãos. Os tijolos marronzinhos estavam roxos e azuis por causa da iluminação artificial, e as lâmpadas pendentes se confundiam com estrelas reais no céu.

Eu combinava com o cenário: usava uma sombra azul nos olhos, a mesma que fazia desde os 12 anos, quando li numa revista teen que azul destacava olhos castanhos. Depois descobri que na verdade era o roxo que fazia isso, mas aí o azul já havia virado meu, e eu gostava quando as coisas eram minhas.

Em uma das mãos, eu carregava um copo de plástico com cerveja quente e, na outra, um cigarro mentolado que ficava mais tempo oscilando no ar do que realmente na minha boca. Eu balançava ao ritmo da MPB que tocava sem saber muito bem como me portar, mas aproveitando as batidas suaves e a letra melancólica.

— Amiga — Cecília começou.

Ao que eu respondi com um:

— Quê?

— A música tá muito ruim. E eu preciso ir no banheiro.

Cecília não gostava muito de MPB antiga, dizia que era música de velho triste. Eu me deixei puxar pela sua mão pequena e suada enquanto tentávamos nos esgueirar entre os ombros escorregadios da multidão. Meu foco todo estava em sua nuca exposta pelo cabelo loiro de corte chanel. Nesse momento, senti vontade de beijar sua pele exposta.

Ela me guiou até a fila do banheiro, que estava, obviamente, grande, e se sentou contra uma parede para amarrar os cadarços dos All Stars. Senti então um empurrão em minhas costas, seguido de um líquido quente com cheiro de álcool. Tive que esticar minha mão para me apoiar na parede e não cair com tudo em cima da Cecília. Com a cabeça baixa, respirei fundo pelo nariz.

— Filhos da puta! — ela disse.

Me virei a tempo de ver apenas um grupo de homens rindo e se afastando. Um deles usava uma Havaiana de cada cor. Senti o sangue subir para as minhas bochechas e um formigamento sair do meu estômago até a minha garganta. Empurrei o chão com o pé e arranquei na direção deles, mas Cecília foi mais rápida, segurou meu pulso e disse que não valia a pena perder o lugar na fila do banheiro por causa deles.

Bem, não valia a pena para ela, claro, que não estava com o cabelo grudento e fedendo. Se fosse ao contrário, eu estaria separando Cecília do pescoço de algum dos meninos naquele exato instante. Entrei no banheiro com Cecília mesmo assim. Ela já estava lavando a mão quando se virou para mim. Nenhuma jovem adulta de 20 anos tinha olhos tão maternos. Ela falou que sentia muito pelo que tinha acontecido e passou as mãos pelo meu cabelo para checar a situação.

— Vem cá — disse, ligando a torneira novamente.

Senti suas mãos delicadas e molhadas escovando os meus fios castanhos. Saí do banheiro com os ombros úmidos, mas com uma grande sensação de compaixão e empatia. Naquele momento, eu era a Madre Teresa dos Perdões. Até ver o par de chinelos coloridos de novo.

Caio se virou e eu o reconheci. Era o menino da cafeteria. Levantei minhas sobrancelhas e me preocupei com as linhas finas que surgiriam com o tempo. Também arregalei os olhos por um segundo desprevenido, que foi interrompido quando percebi que ele também tinha me visto. Sorri e a cicatriz em cima de seu lábio superior se deformou em um rio cheio de curvas.

Ele acenou e veio em minha direção para um abraço. Estava diferente do que eu me lembrava pelas fotos do Instagram, estava mais bonito. Suas pernas longas estavam à mostra com uma bermuda jeans de lavagem clara. As tatuagens do braço também diziam “Olá!” pela camiseta. Nos pés, um chinelo era azul e o outro verde. Eu nunca havia presenciado seu sorriso pessoalmente: era um daqueles que te faz (quase) pedir desculpas por ele ter derrubado bebida em ti.

— Baah, oi! Como é que tu tá? — perguntou.

Respondi que estava bem e retribuí a pergunta com um sorriso, daqueles que a boca não abre completamente e não ativa as ruguinhas dos olhos. Ao meu lado, Cecília cruzava os braços. Me perguntei se ela sabia que ele e os amigos que tinham esbarrado na gente.

— Essa é Cecília, minha amiga. Cecília, esse é Caio. Nos conhecemos no Café-Livraria.

— Oi, tudo bem? — ela disse. Olhou para mim com um sorriso. Ótimo, ela também se lembrava de Caio.

— E aí, tudo? — respondeu ele.

Cecília e Caio se olharam sem dizer nada por um segundo que pareceu mais longo do que os segundos costumavam ser. Minha mandíbula estava tão tensa que pensei que iria quebrar um dente. Evitei olhar diretamente para Caio, mas era difícil ignorá-lo. Apertei forte meu copo quase vazio e fingi procurar por nosso grupo de amigos, que dizia estar a caminho.

— Bem, eu vou voltar pros meus amigos. Tamo perto da barraquinha de cachorro-quente, caso vocês queiram passar lá depois. Temos kit — ele disse piscando para nós.

— Ah, disso eu sei — respondi.

— Como assim? — Apertou os olhos de tigre.

— Nada não. Vi que tu tá tomando kit, só isso.

Ele riu e concordou com a cabeça, abanou para nós e saiu.

Cecília queria saber por que eu não puxei mais papo com ele. Ela não tinha percebido as havaianas, então eu contei para ela. Mesmo assim, ela continuou me incomodando a festa inteira, mencionando ele, perguntando se eu estava a fim, procurando ele para mim na multidão.

Infelizmente, ela não precisou procurar muito, pois ele parecia me achar quando eu menos queria.



Terça-feira de tarde. O Café-Livraria estava pouco movimentado. Apenas duas mesas se encontravam ocupadas com aposentadas jogando cartas e uma dupla de estudantes usando o Wi-Fi grátis. Ouvi o sininho da porta tocar. Um casal entrou e se sentou numa mesa redonda de dois lugares. Nesse dia, eu trabalhava na parte da cafeteria. Minha colega estava no banheiro, então larguei o pano úmido com o qual limpava o balcão e fui atendê-los. Deixei o cardápio na mesa e esperei enquanto eles escaneavam as opções.

— Vocês já sabem o que vão querer?

O guri pediu um expresso duplo e um bolo de chocolate. A menina escolheu apenas um capuccino. Não havia necessidade de anotar. Fui para o balcão e preparei o pedido a tempo de minha colega voltar do banheiro e levá-lo à mesa. Ela me avisou que estava passando mal. Algo que havia comido, intoxicação alimentar, provavelmente. Como eu era a filha dos chefes, os demais funcionários olhavam para mim como alguma figura de autoridade, mesmo eu sendo, oficialmente, uma empregada do mesmo nível que eles.

— Claro, claro. Vai pra casa. Eu cubro pra ti.

Não era um dia cheio mesmo. Na livraria, a moça do caixa mexia no celular enquanto os outros dois atendentes circulavam fornecendo informações sobre os livros e tirando possíveis dúvidas dos clientes que entravam e saiam em grupos de três a cinco pessoas. Se eu precisasse, chamaria um dos guris para me ajudar. Mas não precisei. As aposentadas requisitavam docinhos e refrescos pontuais, e os estudantes só me chamavam para pedir refil de café.

Tentei aproveitar o tempo para ler um texto da faculdade em pé mesmo, mas meus olhos estavam doendo da noite mal dormida. Resolvi me dedicar à minha atividade preferida: observar as pessoas. O casal me chamou mais atenção pelo seu silêncio. Seria um primeiro encontro? Ou, pelo contrário, um relacionamento beirando o fim?

— Tu quer falar sobre o que aconteceu? — perguntou a menina.

Ele olhou para baixo, mexeu no restinho de café frio e respirou fundo. Subiu o olhar para ela e mordeu a bochecha.

— Sim, a gente tem que falar sobre o que aconteceu, né?

Ela bufou e virou a cabeça para o outro lado. Senti pena dela.

— Eu não sei o que acontece entre a gente — ela disse. — Uma hora a gente tá bem, se divertindo, e eu tô adorando tá na tua companhia. Outra hora parece que gira uma chave, acontece alguma coisa entre a gente, e tu não é mais tu mesmo e eu não sou mais eu mesma.

Ele não respondeu nada. O expresso duplo voltou a ser o seu centro de atenção.

[Ela (a ex) se sente ignorada, chateada por ter que guiar a conversa como se fosse a única a engajar no assunto.]

— Não sei o que tu quer de mim. Te juro. Eu faço tudo. Tento, te escuto. Tento fazer tudo o que tu pede pra eu fazer. Mas parece que tu sempre quer mais, tu sempre precisa de mais e mais e mais e mais e mais. — A voz dele foi se elevando a cada repetição da palavra “mais”.

As aposentadas abaixaram as cartas e esticaram os pescoços. Os estudantes quebraram o transe com os livros pela primeira vez em uma hora. E eu derrubei minha caneta. Quando me levantei depois de recolhê-la do chão, percebi a menina olhando com repreensão para mim. Risquei palavras aleatórias do xerox: psicanálise, Freud, Jung.

— Olha o que tu me faz fazer... — ele disse.

Ela se levantou da cadeira e saiu pela porta principal, deixando apenas o som do sininho a ecoar pela eternidade.

O menino contraiu a mandíbula e apoiou a cabeça nas mãos. Ficou por um tempo assim, vi pelo canto do olho enquanto fingia ler. O sininho tocou de novo e pensei que fosse a menina de volta, mas eram novos clientes e novas mesas para atender e novos pedidos para anotar. Os estudantes fecharam seus livros e desligaram os notebooks, e percebi que o jogo das aposentadas também já se encaminhava para o fim. Era a rotação habitual de fregueses. Sem minha colega de trabalho, tive que me dividir entre barista, garçomete e caixa.

Em um desses momentos que fiquei longe do caixa, o menino ficou de pé em frente ao balcão, esperando para pagar.

— Desculpa — eu disse.

— Tudo bem — ele abaixou a cabeça e olhou para baixo. — Na real, eu que peço desculpas pelo “show”.

— Não, capaz, nem deu para ouvir nada.

— Tu não precisa mentir, eu sei que todo mundo escutou.

Eu não sabia o que fazer além de rir. Além disso, ele não era feio.

— Tchau, espero que dê tudo certo entre vocês — eu disse.

E realmente esperava que sim.

Dias depois, descobri que o nome dele era Caio. Estava deitada no sofá da sala vendo TikToks para procrastinar o ensaio que tinha que escrever para uma cadeira quando a notificação de novo seguidor do Instagram apareceu. Duvidei da minha memória: tinha passado meu user para ele? Não lembrava nem de ter dito meu nome. Cheguei rapidamente à hipótese de que ele devia ter me achado pelo perfil do Café-Livraria.

[Jaque se sentiu validada, pensou coisas como: "Então ele estava olhando pra mim esse tempo todo? Será que eu sou bonita? Será que eu exerço algum tipo de poder sobre os homens?"]

Ele tinha umas fotos bem interessantes sem camisa e, o mais importante, elas não me faziam sentir vergonha alheia. Uma delas mostrava ele sentado brincando com um Golden Retriever. O foco não era “olha meu abdômen”, mas “olha como meu abdômen fica bonito até sentado brincando com um cachorro. Por sinal, tu reparou como eu posso ser fofo e carinhoso e atencioso?” E isso só não chamou mais a minha atenção do que a ausência de fotos com a namorada.

Não demorou muito para que ele mandasse um "Oi, tudo bem?". Conversamos um pouco até que não aguentei de curiosidade e perguntei: “Não quero ser indiscreta, mas como tu me seguiu e tals, queria saber se eu tô falando com um homem comprometido ou...?” Ele respondeu: “Hahahaha, entendo. Mas não precisa se preocupar, a gente terminou naquele dia mesmo.”

Caio era mesmo um cara interessante. Eu não diria que era convencionalmente atraente, mas definitivamente havia uma aura de sex appeal ao redor dele. Ele ocupou minha vida por duas semanas, nas quais a imensa quantidade de mensagens e de reações aos meus stories me cansaram da sua presença. A esse ponto, ele também se ausentou mais e mais das minhas *dms*, talvez pelas minhas respostas cada vez mais escassas, mas com certeza pelas fotos com a namorada, que voltaram a aparecer no feed.

[Jaque sentiu ser sempre a segunda opção, mesmo que ela nem estivesse tão afim dele.]

Não ouvi dele nos próximos cinco meses, quando ele resolveu me seguir no Twitter. Sim, as fotos com a ex haviam sumido de novo. Sorri e virei o celular para Cecília, apontando com o dedo para a tela.

— Acho que sabemos quem terminou o relacionamento de novo, não é mesmo? — eu ria enquanto dizia isso.

Saboreei com vigor o sentimento de ser a primeira (eu era a primeira?) garota que ele procurou depois do término. Depois disso, voltamos à nossa antiga e breve dinâmica: ele reagia

aos meus stories, tentava puxar papo e eu demorava uma semana para responder, com a única adição de agora ele também curtia meus (hilários) tweets. Só vi ele de novo na festa, com o cabelo grudento do kit que ele e os amigos jogaram sem querer em mim.



Uma hora e algumas cervejas depois, encontramos nosso grupo de amigos, um misto da faculdade de Psicologia (minha facul) e de Relações Internacionais (facul da Cecília). Uma discussão fervorosa acontecia entre os estudantes de RI. Eu assentia toda vez que alguém olhava para mim, sorria e bebia mais. Procurei o olhar de Cecília umas duas vezes, queria que me visse arquear minhas sobrancelhas ao mesmo tempo que inclinava os cantos da minha boca para baixo, como se dissesse “Socorro, eu não faço ideia do que está acontecendo entre Israel e Palestina!”

Do outro lado, meus amigos falavam sobre seus estágios. Eu ainda não estagiava, trabalhava no Café-Livraria de meus pais. Gostava de lá, ganhava razoavelmente bem e, por ser filha do chefe, tinha minhas regalias. Eu não via porque procurar um estágio que cobraria dez vezes a mais de mim. Também não sonhava em trabalhar com psicologia. Fui uma daquelas adolescentes que entrou cedo demais na faculdade, escolheu o curso por gostar do conteúdo, mas nunca pensou que iria realmente ter que trabalhar com aquilo no futuro. Isso e também o fato de meus pais terem me forçado a fazer uma graduação, sob ameaça de pararem de me mandar dinheiro.

Tirei o elástico que sempre carregava no pulso e puxei meu cabelo em coque baixo. Abanava minhas mãos em frente ao rosto. Fui comprar uma água gelada e, tomada por um desejo latente de sumir, caminhei na direção contrária à dos meus amigos.

Só percebi que estava zozna quando me encostei numa parede. Ouvia de forma abafada o burburinho das conversas somado ao barulho da música. Sentia a luz piscante e a dor nos meus pés em cada pelo do meu corpo. Puxei da minha bolsa a carteira de cigarros mentolados e o isqueiro rosa, acendi um e guardei o resto. Balancei a bolsa, fazendo os objetos dentro dela se revirarem enquanto procurava pelo meu celular. Chaves, gloss, identidade, cartão de crédito... celular!

Com o celular na mão, atualizei repetidamente as redes sociais. Queria puxar Cecília para um canto e questionar por que ela havia me abandonado. Queria começar a assistir jornal para me manter informada e queria ler sobre política e queria estudar mais para outras coisas

além da faculdade e queria nunca ter que estagiar mas queria ser que nem meus amigos e amar a profissão que escolhi e queria me conectar mais com o mundo e com tudo que estava acontecendo e queria parecer mais inteligente nas conversas e queria que meus amigos me incluíssem mais nas conversas e queria que eles prestassem mais atenção em mim e nos meus sentimentos e queria sentir menos.

Foi quando ouvi alguém se aproximando.

— Tem fogo? — perguntou uma voz familiar. Notei, mais uma vez, as Havaianas de cores diferentes.

— Tenho. — Sorri e alcancei meu isqueiro rosa.

— Tá tudo bem? — disse Caio enquanto girava a roda dentada, pressionando o disparador e acionando a chama.

Observei o modo como ele evitava o vento com a mão em concha em frente ao rosto, e, depois, como ele equilibrava o Marlboro vermelho entre seus lábios grossos enquanto as mãos ficavam livres para se esconderem nos bolsos da bermuda.

— Não, tá tudo bem, tudo certo. Só fiquei com calor e cansada.

Eu havia visto ele pela última vez um ano atrás. Muito mudou, mas, ao mesmo tempo, tudo continuava o mesmo.

[Ela está superinteressada nessa pessoa que conheceu há um ano atrás e teve um sentimento de “destino” na primeira vez em que se viram. Faz seis meses que ele terminou com a ex e que ela sabe que ele está a fim dela. Ela meio que quer ficar com ele, mas ao mesmo tempo não quer. Fisicamente pode se apresentar como: ela ajustando as roupas como se estivessem irritando sua pele.]

— Ah, okay. É que te vi de longe e tu parecia mal.

[Ela só quer ficar com ele pois ele está demonstrando interesse por ela e ela quer se sentir amada e desejada, especialmente nesse momento. Mas, na verdade, ela nem gosta tanto dele e ele enche o saco respondendo todos seus stories com coisas clichês. Ela nem acha ele bonito, mas ao mesmo tempo acha ele muito charmoso.]

— Ai, essa doeu. — Ela riu.

— Não! Não foi isso que eu quis dizer!

— Tudo bem, eu estaria realmente melhor se não tivessem derrubado bebida no meu cabelo. — Apontei para minhas mechas úmidas.

— Ah! Então foi em ti. Eu tinha a impressão de ter derrubado um pouco de kit em alguém, mas não tinha certeza.

— E nem se preocupou em checar, né?

— Tem razão...

— Mas tudo bem.

[Ela pergunta o que aconteceu naquele dia do café, na briga com a ex. Ele responde que começaram a namorar muito rápido, em questão de um mês depois que se conheceram. Isso faz com que a Jaque se sinta mais atraída por ele, pois ele se mostrou emocionalmente indisponível.]

— Por que tu usa um chinelo de cada cor? — ela perguntou.

— Por que não?

Conversamos durante três cigarros e uma Cecília, que me procurava para ir embora. Ele era um ótimo passatempo, sabia ser engraçado, persuasivo e até fofo. Descobri que ele havia começado recentemente um estágio no Tribunal de Justiça e que estava ganhando bem pela primeira vez na vida. Brinquei que ele deveria me levar para jantar, ao que respondeu de novo: “Por que não?”. Ele descobriu que ainda trabalhava no Café-Livraria dos meus pais, que a faculdade de Psicologia ia bem e que, no momento, eu estava solteira e morando sozinha com a minha melhor amiga. A gente descobriu que morava a 8 minutos de distância de bicicleta um do outro (ele me contou que fazia tudo de bicicleta).

5 JAQUE MENDES

Figura 11 - Ilustração da personagem central



Fonte: elaborado pela autora (2022)

Amiga! Oiii, como é que tu tá? Quanto tempo, né? A gente não se vê pessoalmente faz o que, um ano? Tudo isso? A última vez foi na casa do Zé... Verdade! Bah, a gente não pode deixar isso acontecer de novo... Mas, me conta, como é que tá tua vida? Quais são as "boas novas"? Eu? Ah, nada de muito novo, sabe? Te contei do Caio? Não?!

Guriiia, tenho que te contar então. Quer pedir alguma coisa antes? Ai, eu amei que tu pôde me encontrar aqui no Café-Livraria. Sim, era pra eu estar trabalhando agora, ops, hahaha. Mas, tudo bem. Tá tranquilo hoje, ninguém vai sentir minha falta. Eu pego algo pra gente, o que tu vai querer? É por conta da casa.



Affogato e torta de limão, boa escolha! Ainda tá quente pra maio, né? Ai, eu não sei o que é pior: Porto Alegre no verão ou Porto Alegre no inverno. Sim, porque essa cidade não tem infraestrutura pro inverno, onde já se viu? Quando eu fui pra Europa, tinha uns "forninhos" que eles deixavam na rua, na frente dos restaurantes, pro pessoal comer e beber sem passar frio. Aqui, no inverno, morro de saudades do verão. Mas aí no verão, sinto saudades do inverno. Tu não? Siiim, o asfalto quente levanta aquele mormaço, parece que a gente tá no inferno. Verdade, o único jeito é escapar pra praia.

Falando nisso, eu tinha que te falar do Caio, né? Acho que foi pelo início de janeiro, eu lembro que tava muito calor. Mas não era um calor qualquer, era aquele tipo que torra a tua nuca, sabe? Eu andava pela casa pra lá e pra cá com um ventilador portátil de camelô e lavava o cabelo só para dar uma refrescadinha. Falando em Europa, tu viu as ondas de calor que tão rolando? É, parecia uma onda de calor aqui em Porto Alegre também. Típico, né? Porto Alegre é, tipo, o primo chato que sempre fala que é descendente de europeu, hahaha. Mas, enfim, essas férias foram horríveis, mulher. Eu ficava ou jogada no chão gelado da sala vendo documentários de serial killers ou tinha um surto de extroversão e decidia que não podia gastar minha vida num sofá sujo com migalhas de Ruffles. Foi numa dessas que fui pro Vila Flores com a Cecília.

Tu nunca foi no Vila Flores? Tem que ir! É um daqueles cantinhos que fazem valer a pena viver nessa cidade sem ônibus decentes. A "Vila" é um beco na verdade. Ah, tu sabe disso já? Okay. Aí lá tem cafeterias, livrarias, exposições de arte, etc. Até já sugeri pro meu pai criar uma filial do Café-Livraria lá, mas ele não me escuta! Também tem uma feirinha de orgânicos e produtos artesanais. E festinhas, né?

A festa tava boa, mas a música tava muito alta e era difícil conseguir uma cerveja gelada nas tendas. A fila e a muvuca eram tão grandes que, até chegar, a cerveja já tava quente. Mas a iluminação tava linda! Os tijolos ficaram roxos e azuis por causa dos leds e as lâmpadas pendentes pareciam estrelinhas reais no céu. Sabe minha maquiagem azul? Aquela que faço desde os 12 anos, quando li na *Capricho* que azul destacava olhos castanhos. Depois descobri que na verdade é o roxo que faz isso, mas aí o azul já tinha virado meu, e gosto quando as coisas são minhas. Então, eu tava até combinando com o cenário. Foi lá que tirei essa foto aqui que postei no Insta, tu lembra? Sim, foi lá! Ficou muito aesthetic, né?

Pensa na cena: numa mão, um copo de plástico com cerveja quente; na outra, um cigarro mentolado. O cigarro ficava mais tempo dançando no ar do que realmente na minha boca, mas deixa quieto. Bons tempos, né? Tocava MPB com umas batidas suaves e umas letras melancólicas que eu não conhecia por nome, mas aproveitava, assim, balançando no ritmo,

esperando que ninguém percebesse que eu não sabia como me portar. Aí a Cecília — tu lembra dela, né? Minha companheira de piso — me falou:

— Amiga, a música tá muito ruim! E eu preciso ir no banheiro.

Daí a gente foi, né? Pois é, a Cecília não gosta muito de MPB antiga, diz que é música de velho triste. Foi ali que percebi que eu podia ter um crush na Cecília... Ela recém tinha cortado o cabelo num chanel que deixava a nuca exposta. Amiga... eu senti coisas. Mas, enfim, a fila do banheiro tava obviamente grande. A Cecília sentou contra uma parede para amarrar os cadarços dos All Stars dela. Então alguém empurrou minhas costas e tive que esticar minha mão pra me apoiar na parede e não cair com tudo em cima da Cecília. Naquele momento, amiga, fiquei com a cabeça baixa e a mão assim no muro, ó *[imitando o apoio no muro]*. Respirei fundo pelo nariz e soltei o ar pela boca. Calma, calma. Sim, tudo isso tem a ver com o Caio.

Aí a Cecília gritou:

— Filhos da puta!

Me virei a tempo de ver um grupo de homens rindo e se afastando. Detalhe: vi que um deles usava uma Havaiana de cada cor. Todos os “respiros” que eu dei foram por água abaixo, o sangue subiu pras as minhas bochechas e um formigamento saiu do meu estômago até a minha garganta. Empurrei o chão com meu pé e arranquei na direção deles, mas a Cecília foi mais rápida, segurou meu pulso e disse que não valia a pena perder o lugar na fila do banheiro por causa deles. Bem, não valia a pena para ela, claro, que não tava com o cabelo grudento e fedendo. Ah, eu não te disse? Um deles esbarrou em mim e derramou bebida no meu cabelo! Então, tu vê, se fosse ao contrário, eu taria separando Cecília do pescoço de algum dos meninos naquele exato instante. Beleza, entrei no banheiro mesmo assim.

Aí, okay, fizemos o que tínhamos que fazer. Mas a Cecília não me olhou de um *jeito* nessa hora? Se eu fosse escrever, ia ser tipo assim: “Ela estava lavando as mãos quando se virou para mim. Nenhuma outra jovem de 20 anos tem olhos tão maternos quanto os dela.” Então ela me disse que sentia muito pelo que tinha acontecido e passou a mão pelo meu cabelo, acho que pra checar a situação. Sim! Exatamente! Momentos de tensão... Se a Cecília tem a ver com o Caio? Bem, hã, mais ou menos. Espera, vou chegar lá.

Resumo da ópera: a Cecília limpou meu cabelo na pia. Saí do banheiro com os ombros tudo úmido, mas com uma grande sensação de compaixão e empatia. Naquele momento, eu era a Madre Teresa dos Perdões. Bom, pelo menos até eu ver o par de chinelos coloridos de novo.

Ele se virou e adivinha quem era? Exatamente: o Caio, o menino da cafeteria. Que cafeteria? Ai, amiga, tô contando tudo errado, né? Hahaha. Vou terminar aqui e já conto como a gente se conheceu. Enfim, na hora minhas sobrancelhas devem ter se levantado tanto que eu

fiquei cheia de rugas. Arregalei meus olhos bem assim, ó [*arregalando os olhos em forma de demonstração*]. E não é que ele me viu também? Sorriu e aquela infeliz cicatriz no lábio dele se mexeu. Tão bonitinha! Parecia um rio cheio de curvas. Sim, um rio pra eu me afogar mesmo. O bendito acenou e veio na minha direção para um abraço! Tava diferente do que eu lembrava pelas fotos do Instagram; mais bonito, infelizmente. Sorriu e eu percebi que nunca tinha visto o sorriso dele pessoalmente. Tinha um daqueles sorrisos que te faz *quase* pedir desculpas por ele ter derrubado bebida em ti. Mas juro que eu ainda não tava interessada nele. Pelo menos, não tanto.

Aí conversa furada, né? “Oi” pra lá, “oi” pra cá. “Tudo bem contigo?”. “Sim, e aí?”. E assim vai. Só que, antes de sair, ele me falou:

— Bom, vou voltar pros meus amigos. Tamo perto da barraquinha de cachorro-quente, caso vocês queiram passar lá depois. Temos kit. — E piscou pra mim! Bem assim, ó. [*Jaque pisca imitando Caio*]

O que eu respondi? Algo tipo:

— Ah, isso eu sei.

Claro que eu sabia, né? Ele tinha derrubado aquela merda em mim!

Como se já não bastasse Cecília e Caio contracenando juntos, ela queria saber por que não puxei mais papo com ele! Ela não tinha percebido as Havaianas, então contei para ela. Mesmo assim ela continuou me incomodando a festa in-tei-ra: mencionava ele, perguntava se eu tava a fim, procurava ele para mim na muvuca. Infelizmente, ela não precisou procurar muito porque o desgraçado parecia me achar até quando eu menos queria.



O que eu pulei? Ah, sim. Foi numa terça-feira de tarde. Isso, bem antes do dia em que fui pro Vila com a Cecília. Na hora, o Café-Livraria tava pouco movimentado: duas mesas ocupadas com aposentadas jogando cartas e uma dupla de estudantes aproveitando o Wi-Fi grátis. Tava distraída até que ouvi o sininho da porta tocar. Um casal entrou e se sentou naquela mesa redonda de dois lugares ali, ó. Eu tava trabalhando na parte da cafeteria que nem sempre. A Amanda, que não veio hoje, tava no banheiro, então fui atender eles. Anotei os pedidos e foi isso, não reparei muito neles, não.

Um pouco depois, a Amanda voltou do banheiro falando que comeu algo que não caiu bem, que provavelmente era intoxicação alimentar, provavelmente. Tu sabe, né? As pessoas

aqui me tratam diferente porque sou filha do chefe. Eu deixei ela ir pra casa mesmo assim. Se eu precisasse de ajuda, chamava um dos guris da livraria. Mas não precisei, dei conta do trabalho.

As aposentadas, tu tinha que ver. É cada cliente que vem aqui, cada figura! As senhoras usavam roupas bem coloridas. Uma tinha um chapéu enorme, cheio de penas, e a outra, um look monocromático, amiga! A legging? Roxa. A camisa? Roxa. A bolsa? Roxa. Os óculos? Tu entendeu, né? Mas, okay, desculpa, eu sei que me estendo no que eu não deveria. O que eu queria te dizer é que elas requisitavam docinhos e refrescos pontuais só. E os estudantes só me chamavam para pedir refil de café, que, tu sabe, é o diferencial daqui. A única sugestão minha que meu pai escutou... E deu certo! Quem diria?

Enfim, eu tava tentando ler um xerox da faculdade no meio-tempo entre atender uma mesa e outra, mas, bah, que noites mal dormidas eu tava tendo. Aí fiquei observando as pessoas mesmo. É o que sempre faço quando fico entediada aqui. O caszinho, né, me chamou mais atenção pelo silêncio ab-so-lu-to. Fiquei na dúvida se era um primeiro encontro ou o contrário: um término. Aí a gurria perguntou:

— Tu quer falar sobre o que aconteceu?

Eu já fiquei atenta pra fofoca, claro.

Ele olhou pra ela e mordeu a bochecha.

— Sim, a gente tem que falar sobre o que aconteceu, né? — disse. Ela bufou em resposta e virou a cabeça para o outro lado. Senti pena dela. Então ele continuou: — Não sei o que acontece entre a gente blá blá blá blá. Não sei o que tu quer de mim. Te juro. Eu faço tudo! Tento, te escuto. Tento fazer tudo o que tu me pede pra fazer. Mas parece que tu sempre quer mais, sempre precisa de mais e mais e mais e mais e mais.

Gurriia! Todo mundo ouviu, óbvio. As senhorinhas só esticaram os pescocinhos e eu vi a cara dos estudantes pela primeira vez em uma hora. Eu, tapada do jeito que sou, derrubei minha caneta. Quando me levantei depois de juntar ela do chão, a menina olhou pra mim como se fosse me matar. Pra disfarçar, risquei umas palavras aleatórias, tipo “psicanálise, Freud, Jung”, no xerox, hahaha. Ela se levantou puta da cara e foi embora. Só sobrou o som do sininho atrás dela.

Pelo canto do olho — porque naquela hora eu tava tentando fingir melhor que não tava olhando — vi que o guri ficou um tempão parado, sozinho na mesa, pensando em sei lá o quê. O sininho tocou e eu jurei que era a gurria de volta! Mas eram só mais clientes, novas mesas para atender, novos pedidos para anotar [*Jaque revirou os olhos*]. Nada além da rotação de fregueses habitual.

Os estudantes desligaram os notebooks, o jogo das aposentadas também já se encaminhava pra um final e, sem a Amanda, tive que me dividir entre barista, garçomete e caixa. E foi no caixa que eu falei com o Caio pela primeira vez. Pois é, foi assim que a gente se conheceu! Eu pedi desculpa pela demora. Ele disse que tudo bem, e pediu desculpa pelo “show” de logo antes. Fingi que nem sabia do que ele tava falando.

Não, a gente não falou mais nada além disso. Te juro! Só dias depois que fui descobrir o nome dele! E sabe como é que foi? Plot twist: eu tava deitada no sofá da sala vendo vídeo no TikTok quando uma notificação de novo seguidor no Insta apareceu. Se eu passei meu user pra ele? Então, aí que tá! Não passei. Nem disse meu nome! Ou seja, ele foi stalkear o perfil do Café-Livraria só pra me encontrar, aham. Eu não deveria admitir isso, mas como tô falando contigo, sei que tu vai me entender: como é bom ter esse sentimento de validação! Será que ele tava olhando pra mim durante aquele tempo todo? Será que eu sou bonita? Será que eu exerço algum tipo de poder sobre os homens?

Bah, amiga, e ainda tinha umas fotos bem interessantes no Insta dele. Quer ver? Olha essas fotos sem camisa! O mais importante nem é ele, mas o fato das fotos não me deixarem com vergonha alheia. Olha essa brincando com o Golden Retriever: o foco não é “Olha meu abdômen”, mas “Olha como meu abdômen fica bonito até sentado brincando com um cachorro. Por sinal, tu reparou como eu posso ser fofo e carinhoso e atencioso?”. E aí, na época, sabe o que também me chamou atenção? Exatamente, a ausência de fotos com a namorada.

Depois que segui ele de volta, não demorou muito pra ele me chamar no direct. A gente conversou um pouco e perguntei sobre a namorada. Ele respondeu que eu não precisava me preocupar, que tinham terminado naquele dia da cafeteria mesmo, etc, etc.

Ele é interessante, né? Eu não diria que é convencionalmente atraente, mas definitivamente tem um sex appeal, não acha? Okay, meu gosto em homens pode ser um pouco duvidoso mesmo. O que importa é que ele ocupou minha cabeça por umas duas semanas, mas só ficava reagindo aos meus stories! A conversa não desenrolava, sabe? Aí eu cansei. E ele também começou a falar cada vez menos comigo. Talvez porque eu não desse mais bola, mas com certeza por causa das fotos com a namorada, que voltaram a aparecer no feed.

Eu nem me importava mais com ele, mas ver aquelas fotos me deixou esquisita. Não sei se posso dizer que fiquei com ciúmes, porque como eu ia sentir ciúmes de alguém com quem nem conversei direito? Ai, não sei, não gosto de ser a segunda opção. Sim, amiga, eu sei que eu deixo as coisas difíceis pro meu lado.

Beleza, depois disso não ouvi dele por uns quatro, cinco meses, quando ele resolveu me seguir no Twitter. E, aham, as fotos com a ex tinham sumido de novo. Não vou negar que

meu ego inflou. Foi bom saber que eu era a primeira guria — eu era mesmo a primeira?, enfim — que ele procurou depois do término. Depois disso, não aconteceu nada demais. A gente voltou com a nossa antiga e breve dinâmica: ele reagia aos meus stories, tentava puxar papo e eu demorava uma semana pra responder. E eu só vi ele de novo na festa no Vila, com o cabelo grudento do kit que ele derramou em mim.



Não, tu não demorou muito, não. Nem esquenta. Tá bonito o banheiro, né? A gente reformou faz pouco. Tá, vou continuar e prometo que vou contar mais rápido agora. Que horas tu vai embora mais ou menos? Daqui duas horas? Beleza, então. Foco, Jaque. De volta pra festa... Sim, a no Vila Flores ainda.

Bom, teve uma hora que eu tava conversando com um grupo de amigos, um misto da faculdade de Psicologia e da de Relações Internacionais — a facul da Cecília. Os estudantes de RI tavam numa discussão fervorosa sobre Israel e Palestina. Eu só fazia que sim com a cabeça [*Jaque consentindo*] toda vez que alguém olhava para mim. Queria que Cecília virasse pra mim pra eu fazer assim pra ela [*Jaque arqueando as sobrancelhas e puxando os cantos da boca para baixo*], como se eu dissesse: “Socorro, não faço ideia do que tá acontecendo!”. Mas ela nem me olhava mais.

Pra piorar a situação, do outro lado, meus amigos da psico falavam sobre os estágios. Tu sabe que eu ainda não fiz estágio nenhum. Prefiro trabalhar aqui, sinceramente, por mais que as coisas não andem tão bem... Mas isso é assunto pra depois, senão vou me perder mais ainda. Voltando ao assunto, não vejo por que procurar um estágio que vai cobrar dez vezes mais de mim. E, é difícil de admitir, mas acho que não sonho em trabalhar com psicologia. Só escolhi o curso por gostar do conteúdo, mas nunca pensei que iria realmente ter que trabalhar com isso no futuro. Ingenuidade, tenho ciência disso. Mas é isso que dá quando a gente escolhe uma faculdade sob pressão aos dezessete anos.

Sabe aquele momento da festa que gira uma chavezinha dentro de ti e tudo fica ruim? Dá vontade de sumir, parece que a tua energia social acabou. Resolvi me afastar um pouco do pessoal e ir pra um lugar mais quieto. Só percebi o quanto tava zozna quando me encostei numa parede. Foi o low point da noite: ouvia tudo abafado, a luz piscante era demais e eu não conseguia mais ignorar a dor nos meus pés. Queria puxar Cecília para um canto e perguntar por que ela tinha me abandonado. Queria começar a assistir jornal para me manter informada e

queria ler sobre política e queria estudar mais outras coisas além do conteúdo da faculdade e queria nunca ter que estagiar mas queria ser que nem meus amigos e amar a profissão que escolhi e queria me conectar mais com o mundo e com tudo o que tá acontecendo e queria parecer mais inteligente e queria que meus amigos me incluíssem mais nas conversas e queria que eles prestassem mais atenção em mim e nos meus sentimentos e queria sentir menos. Sabe? Aí acendi um cigarro.

Adivinha quem apareceu perguntando:

— Tem fogo?

Exatamente, o dito cujo que usa Havaianas de cores diferentes. Por que ele usa Havaianas de cores diferentes? Uma vez perguntei e ele respondeu que tinha perdido o pé dos dois chinelos.

Lembro como se fosse hoje daquele Marlboro vermelho entre os lábios dele... Não sei como conseguia falar daquele jeito. Só sei que me fez pensar coisas inadequadas, se é que tu me entende. Claro que eu tava interessada nele, mas a gente não se via fazia um ano! Muita coisa tinha mudado, mas ao mesmo tempo tudo continuava o mesmo... E, quando a gente se conheceu, teve um sentimento de *destino*, sabe? Acho que é a primeira vez que admito isso em voz alta... É meio bobo falar isso e pensar em tudo que aconteceu depois.

Calma! Vou chegar lá! Ok, vamos mais rápido: eu sabia que ele tinha terminado com a ex e que tava fim de mim, e eu meio que queria mas não queria ficar com ele. Olhando pra trás, acho que eu só queria porque ele tava demonstrando interesse por mim e eu queria me sentir amada e desejada, especialmente naquele momento, mas, na verdade, eu nem gostava dele tanto assim. Caio enchia o meu saco na internet, nem era tão bonito assim, mas ao mesmo tempo era tããão charmoso. Faz sentido?

A gente conversou sobre tanta coisa diferente que até esqueci de brigar com ele por ter derrubado kit no meu cabelo. Ele finalmente se abriu comigo sobre o término do namoro e eu devia ter percebido as red flags ali mesmo. Mas a gente é idiota, né? Basicamente: eles começaram a namorar muito rápido, em questão de um mês depois de se conhecerem. Ele disse que a ex fazia ele se sentir sufocado e por isso não deu certo. Eu só conseguia pensar no quão diferente queria ser dela. Pobre guria! Eu nem conhecia ela.

A gente conversou durante uns três cigarros e uma Cecília, que queria ir embora. Caio era um ótimo passatempo: sabia ser engraçado, persuasivo e até fofo. Descobri que ele tinha começado recentemente um estágio no Tribunal de Justiça e que tava ganhando bem pela primeira vez na vida. Brinquei que ele deveria me levar para jantar e ele respondeu:

— Por que não?

Contei que ainda trabalhava aqui no Café-Livraria e menti que a faculdade de Psicologia ia bem. A gente descobriu que morava há 8 minutos de distância de bicicleta um do outro. Ele me contou que fazia tudo de bicicleta.

Ah, tu já tem que ir? Okay, te conto o resto por áudios depois.



Oi, amiga! Tudo certo? Chegou bem em casa? Me avisa.

Onde parei na história mesmo? Vou agilizar agora.

Ah, sim, na parte depois da festa. Na semana seguinte, a gente continuou conversando pelo Instagram, mas, assim, era conversa que não parava mais, sabe? Não sei como gente apaixonadinha consegue conversar tanto — nem sei se a gente tava apaixonadinhos, é modo de dizer. Okay, reformulando: não sei como pessoas que tão recém se conhecendo tem tanto pra conversar, talvez seja porque tudo é novo, mesmo as coisas mais óbvias e esperadas.

Um dia, acho que foi numa quarta ou numa quinta, o Caio me fez uma surpresa durante o meu expediente. Ele apareceu do nada lá no Café, pediu indicações de livros. Falei que tava lendo a autobiografia da Rita Lee e ele resolveu comprar o mesmo livro! Quando cheguei em casa, já tinha mensagens dele comentando a leitura comigo. Ainda acho que ele comprou o livro só pra me agradar.

Depois, na sexta, se não me engano, ele me convidou pra ir na casa dele: a mãe dele tava de plantão. Ela é enfermeira, ou técnica de enfermagem — ele me disse, mas já esqueci. Não sei muito bem a diferença, pra ser honesta. Enfim, ele me ligou, né? Disse que a mãe ia trabalhar a noite toda, que ia estar sozinho em casa e deu a entender que era pra eu ir ver ele.

Tu jura, né?! Me dou um pouquinho mais de valor do que isso, amiga. Me chamando pra um rolê no mesmo dia, sem nenhuma antecedência, como se eu não tivesse mais nenhum plano além dele? E, pior ainda, pra casa dele. Nananinanão. Não sou boba nem nada. Quero um homem que me trate bem, que me leve pra sair de verdade. Primeiros encontros na casa da pessoa é a pior herança que nossa geração vai deixar, se tu quer saber minha opinião.

Então fiz uma contraproposta: convidei ele pra sair no dia seguinte pra um happy hour naquele barzinho novo na Cidade Baixa, “M” alguma coisa. Bom, o nome não importa. Sei que é um lugar caro, mas ele disse que tava ganhando bem e eu queria ver se ele aceitaria gastar comigo, se tava a sério no rolê. Chamar pra ir pra casa é muito fácil, quero ver tu gastar comigo.

Falando em gastar, óbvio que eu precisava comprar uma roupa nova pro date. Viu? É isso que digo, a gente gasta um monte com roupa, maquiagem, unha... A gente gasta nosso precioso tempo, e eles não querem gastar nada em troca? Querem chamar só pra uma noite como se a gente fosse uma puta. Pelo menos puta recebe! Desculpa minha língua, me irritei. E olha que eu nem tinha condições de gastar, viu? Já tinha parcelado a fatura anterior do cartão. Sei que tu vai me xingar agora, mas não tem como! Amo coisas caras. Okay, agora tem como, porque, né? Deixa pra lá. Vamos voltar ao que interessa, aos bons tempos de roupas novas e drinks caros.

No fim, ele aceitou sair comigo pro “M” alguma coisa, mas eu queria que nem tivesse aceitado. Lá, ficou reclamando toda hora sobre o preço das coisas. Mas acho que foi um bom sinal ter ficado lá mesmo assim.

Pelo que lembro, nessa noite, a gente conversou bastante sobre nossas famílias. Conteí que era filha única e que meus pais tinham uma rede de cafés pelo Rio Grande do Sul. Aí o Caio contou que tinha um irmão mais velho de mesmo pai e mesma mãe e uma meia-irmã do novo casamento do pai. Me pergunto se os problemas de compromisso do Caio vêm daí. Ele disse que se sentia filho único porque não falava mais com o irmão mais velho e nunca teve muito contato com a meia-irmã. Eu não sabia dizer se ele tava triste ou não enquanto me falava de tudo isso. A cara dele não é muito expressiva. E ele, como um todo, também não.

Não lembro muito bem do resto da noite, hahaha. Bebi muito, mas Caio nem tanto. Ai fiquei tão tentada a convidar ele pra vir aqui pra casa! É o poder do vinho — ou dos drinks, não lembro se tomei vinho naquela noite. Mas eu não podia dar no primeiro encontro. Regras da minha cabeça, amiga, me deixa. Também precisava de lingerie nova. Fui logo no outro dia comprar, porque ele já tinha me convidado pra um segundo date na casa dele. E segundo date em casa pode.

Fiquei me sentindo até um pouco mal quando conheci a casa dele no final de semana seguinte. Quando o Caio me falou do trabalho dele no TJ, deu a entender que tava ganhando tão bem. Mas a casa era legal, apesar de bem simples. Era bem localizada e tinha charme. A mãe dele enchia tudo de crochê, sabe? Okay, não vou me alongar nesses detalhes que não importam. A gente ficou juntinho o final de semana todo. Parecia até um casal. E, sim, tive que conhecer a mãe dele quando ela chegou do trabalho. Sorte que ela ficou a maior parte do tempo dentro do quarto dela descansando. Eu e Caio também ficamos no quarto dele, só que fazendo outras coisas...

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Edson Bini. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2011.

BORGES, Jorge Luís. **Esse ofício do verso**. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção**: um manual de criação literária. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. *In*: GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 51-80.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. Trad. Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PAMUK, Orhan. **O romancista ingênuo e o sentimental**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.